

A Academia Guarulhense de Letras, desde sua fundação, publicou oito obras, reunindo, em cada uma, trabalhos de diversos acadêmicos. Do conto à informação histórica, entremeando-se a política, o misticismo, as narrativas e a poesia. As publicações inauguraram-se com *Amostragem Literária*, estendendo-se por sete outras coletâneas, sendo encerrado o ano de 1998 com o volume VII de *Fragmentos Literários*. O entusiasmo e o amor às letras, principalmente temperada com a amizade e estima que une essa plêiade de jovens que se localiza entre os trinta e oitenta anos, enfrenta, com grandeza de alma, todos os obstáculos e nessa mesma galhardia leva adiante o estandarte da cultura e do amor às artes. Na policromia da incerteza; no manifestar do burlesco; cantando o amor pelo bucólico; perseguindo a denúncia de injustiça social; combatendo a violência e a licenciosidade; procurando, enfim, não servir de paradigma, mas, apenas, de alerta, a Academia Guarulhense de Letras cumpre com a proposta inicial: incitar o jovem à prática do bem e no amanho de seu cérebro.

SCOR
Editora
TECCI

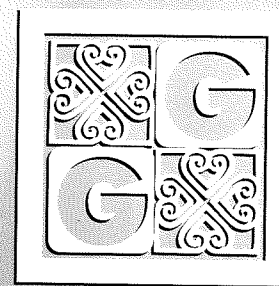
ISBN 85-7272-203-3




9 788573 172303



Academia
Guarulhense
de Letras 



Academia
Guarulhense
de Letras 

Revista da Academia Guarulhense de Letras nº 1, Ano I, 1999

Nenhuma apresentação pode ser superior à prova do amor. Pretendendo prestar homenagem a um dos acadêmicos já falecidos, que amava a Academia com toda a força do seu ser, física e intelectualmente, pedimos licença, a exemplo do Vate português em seu profundo queixume, "se lá do etéreo assento onde subsiste, memória desta vida se consente", transcrevemos a sua lição sobre *O coração no reino animal, inclusive no Homem*: o coração representa o trabalho de amor realizado pelos organismos animais vivos, recebendo e distribuindo por esses organismos, num círculo vicioso de raro significado e beleza — o sangue, que é o conjunto das transformações físico-químicas e biológicas experimentadas pelas substâncias orgânicas e alimentícias,

através dos metabolismos e outros processos de catálise, num estu-
pendo complexo que é a síntese
do trabalho, da fraternidade e do
dever nas esferas encantadoras
do amor. E tudo isso constitui
uma só unidade formada por um
número quase infinito de ele-
mentos indispensáveis, cada um
com sua contribuição específica
de amor. Obrigado, Jonny Her-
mínio de Melo Doin, por permi-
tir-nos apresentar a nossa nona
coletânea. Esta última anuncia a
primeira revista da Academia, tra-
duzindo-se no abraço à era que se
avizinha, quando adentraremos o
terceiro milênio com o segundo
número.

Os Acadêmicos

Nenhuma apresentação pode ser superior à prova do amor. Pretendendo prestar homenagem a um dos acadêmicos já falecidos, que amava a Academia com toda a força do seu ser, física e intelectualmente, pedimos licença, a exemplo do Vate português em seu profundo queixume, "se lá do etéreo assento onde subsiste, memória desta vida se consente", transcrevemos a sua lição sobre *O coração no reino animal, inclusive no Homem*: o coração representa o trabalho de amor realizado pelos organismos animais vivos, recebendo e distribuindo por esses organismos, num círculo vicioso de raro significado e beleza — o sangue, que é o conjunto das transformações físico-químicas e biológicas experimentadas pelas substâncias orgânicas e alimentícias,



Revista da
Academia Guarulhense de Letras
nº 1, Ano I, 1999

Aceita-se permuta.
Exchange is solicited.
Aceptamos intercambio.
On demande l'échange.
Man bi ttet um Austausch.
Si prega l'intercambio.

Capa:
WALTER SAIANI



Revista da
Academia Guarulhense de Letras
nº 1, Ano I, 1999

SCOR
Editora
TECCI

1999



© dos Autores



JS2739-0500148011999

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista da Academia Guarulhense de Letras. -- São Paulo : Scortecci, 1999.

Vários autores.
ISBN 85-7372-303-3

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas brasileiras - Coletâneas 3. Ensaio brasileiro - Coletâneas 4. Poesia brasileira - Coletâneas

99-5035

CDD-869.9308004
-869.9108004

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Século 20 : Literatura brasileira 869.9308004
2. Crônicas : Coletâneas : Século 20 : Literatura brasileira 869.9308004
3. Poesia : Coletâneas : Século 20 : Literatura brasileira 869.9108004

SCOR
Editora
TECCI

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 210 1179, 210 6501 e 815 6996

Http://www.scortecci.com.br - E-mail: scort@scortecci.com.br

NOVO FORMATO DA PUBLICAÇÃO ACADÊMICA

Durante vários anos, a Academia Guarulhense de Letras fez publicar o seu livro anual, com a denominação de *Fragmentos Literários (I, II, III, IV, etc.)*, composto de trabalhos de autoria de seus membros, e usava, como logotipo, o brasão do Município de Guarulhos.

Agora, por escolha e decisão unânime dos integrantes deste sodalício, a sua publicação periódica passará a chamar-se *Revista da Academia Guarulhense de Letras*, contendo logotipo próprio, identificador do órgão impresso de divulgação literária e/ou artística dos acadêmicos.

Este é o primeiro número, em novo formato. Esperamos que seja do agrado de quantos o tenham em mãos. E — mais do que isso — que o seu conteúdo traga sempre conhecimento e alegria aos interessados nas coisas que elevam o espírito.

Está lançada a nova semente. Que a colheita, doravante, se faça ainda mais proveitosa, a cada publicação da nossa *Revista da Academia Guarulhense de Letras*.

A Direção

SUMÁRIO

A. Ibrahim Khouri	9
Ary Baddini Tavares	27
Bismael B. Moraes	31
Castelo Hanssen	51
Clarimundo de Oliveira Aguiar	59
Espedito Pinheiro de Souza	69
Gasparino José Romão	83
Isabel Borazanian	91
João Ranali	99
Laerte Romualdo de Souza	117
Milton Luiz Ziller	133

A. IBRAHIM KHOURI

INSÔNIA

Às vezes, quando tudo fica escuro,
a falta de você se faz enorme,
e um sonho, que sequer entrou em cena,
torna minha noite tão pequena.
E mais um poema nasce enquanto dorme,

pois, como cacos quebrando o silêncio,
de repente espatifaram-se pela noite:
gritos, choros, palavrões, chiliques,
ameaças, tapas, soando como açoite,
— uma mulher xingava um tal Henrique —.

Talvez minha doce insônia à sua se some
e no meio de todo esse ruído,
ficam juntos os nossos sentidos,
com os versos que escondem seu nome.

CRIME DE AMOR

Quando o sol fica abaixo do horizonte
tudo é escuro — já se foi o crepúsculo —,
juntou-se a tarde bela,
está tão escondida a alvorada.
E eu que pensei ser este um amor vacante,
enrosco-me em pedras, diamantes
e sonho agora com o corpo dela.
É um crime de amor que pratico,
com circunstâncias agravantes:
é noite, ela sequer tem defesa,
o delito se torna enorme,
com agravante especial — caso sério —,
pois o bem é precioso — tão rico —,
dos lábios da mulher — minha Diva —,
eu furto a sua saliva
e a acaricio enquanto ela dorme.
Assim dou-me de presente,
esta herança que penso jacente,
invadindo assim seu império.
De repente, a luz o quarto fende.
É a aurora, meu corpo se desprende,
vaga serras, mar, rios, florestas...
Caí no vácuo... fim do sonho.
O vazio é tudo que resta.

AGORA

Quero um tempo, embora, a custo,
com ele possa pouco alcançar.
Um tempo pra gastar todo meu tempo.
Um tempo verde para o seu corpo maduro.

Quero um tempo sem sonho, meditação, sem prece.
Um tempo com nada de pronto,
sem o desencanto do desencontro,
em que a esperança não fenece.

Um instante que num toque renova
a vontade, o mistério da alcova,
cujo sentido não enxerga mais.
Um tempo presente, para alcançar no futuro,
tudo o que deixei para trás.



Descubro no olhar o seu mistério,
num abraço quase tudo o que deseja,
o encanto deste nosso caso sério,
na solidão, é o bem que me festeja.

AIUNE*

Há emoção em tudo o que resta
e o desejo me anima de repente
a descobrir o belo no evidente,
com os olhos que você me empresta.

Vontade de você — eterno fato —,
protejo-a na memória, doce estrela,
da preocupação, das pausas, do imediato,
mas não da fome de que sou tomado de tê-la.

* Aiune é uma palavra árabe. É a forma carinhosa pela qual tratamos alguém que queremos muito. Significa "meus olhos".

UM CORREDOR DE PASSAGEM

De repente sopra uma vontade forte, empurra tudo o que estou fazendo e o pensamento sai, atravessando paredes, ganha a rua, sem se importar com a realidade que o acode. O que o atrai é bem maior e nada ao seu redor prende-lhe a atenção.

Não há nada além do devaneio. Vai em meio a tanto barulho em busca do lugar onde se dará o primeiro encontro. Nesta fuga em busca da terra, do chão, do arvoredo, a figura, centro do meu segredo, ganha forma, deixa de ser fantasia, geme, ondula, gesticula. Mágico isolamento, descubro o que nossos olhares sugerem sem nenhuma frase, nenhum gesto, nenhum sinal. Só com o olhar, este idioma universal, sem fronteiras, sem regionalismo, sem dialeto.

Tão soberano, linguagem única, tal qual tatuagem gravada no coração, me acompanha, me empresta o ouvido, ouve meus contos esmaecidos e me diz tudo que eu precisava ouvir.

Mas de repente, alguma coisa longe se espantifica. O sonho se espanta, sai correndo como garoto travesso, fazendo ziguezague, e se esconde nos becos da realidade.

FRUTO PROIBIDO

Ah, proibição ameaçadora, cega,
amadurecida no amor e no medo,
fruta do Éden à boca nega,
num aperto de mão você se entrega,
escondendo do Senhor nosso segredo.

A promessa... sua saliva, com ternura,
pra você minhas carícias sem receio,
vontade de você, fruta madura,
de sugar os doces bicos dos seus seios.

Que ansiedade nesta longa espera...
O tempo passou por mim de forma lenta.
Que me expulsem ao invadir seu paraíso,
pois o desejo que me aniquila me alimenta.

RESSURGIR

Ah, este agora amplo e profundo,
é o passado surgindo tão novo.
Nova dimensão, novo mundo,
como a esperança na vida do povo.

O que eu temia acontece:
num abraço, como belo presente,
o inesperado, tão de repente,
se tornou a razão do meu ser.

Sentimento puro, inexperiente,
não foi presa na rede do tempo,
não é passado se está presente,
vivendo livre no pensamento.

Sem prece, com esperança, sem fé,
rompe o silêncio pra florescer,
importando-se com aquilo que é,
não com o que poderá vir a ser.

MEU HORIZONTE

Há uma força que vem do centro
— um sol crepuscular na carne sua —,
o seu verde colorindo minha rua
com a energia que lhe vem de dentro.

O pensamento coleando o seu corpo,
com sede de desejo em seus mamilos,
meus lábios, estes loucos peregrinos,
fazem deste sonho o meu porto.

Nada assombra o presente,
força misteriosa, sei lá o quê,
está a mente livre de memória,
branca pra marcar a nossa história,
louca, só pra receber você.

A MUSA

Numa noite tristonha,
dentro do quarto,
uma janela muda prega,
que dorme presa a um
sonho ao qual se apegava,
a musa dos meus versos.
O que a acalenta tem um rosto.
Mas serei eu, este poeta
que anda pela rua em devaneio,
carregando com a mesma sede
a fantasia da musa,
protegida entre paredes?
E os sonhos dela, dão onde?
Será só o meu verso que a embala?
E o que aumenta mais o meu receio,
é que ela dorme, não responde
e o silêncio, cúmplice, nada fala.

O PRESENTE

Um corredor entre o passado e o futuro,
na mente um relógio cujos ponteiros
ora adiantam, ora atrasam,
fazem o trajeto horário e anti-horário.
A terra vai girando ao contrário,
o tempo segue em frente, não espera.
Rouba a vida, rouba os anos,
consumindo como fera
as fantasias, todos os meus sonhos.
Em meio aos papéis que represento,
percebo que a nada me oponho,
sinto que a razão engole a emoção.
De um lado para o outro, lento,
sigo sem conseguir dizer: "Não!".
Sou um ser humano errante.
O ponteiro do relógio grita: "Agora!".
Não sei como deixo escapar o momento,
estou longe, tão distante
que sequer me reconheço.
E por andar assim, a esmo,
vou pagando por isso alto preço:
perco você, perco a mim mesmo,
perco o tempo, perco os anos, perco a hora,
o relógio na parede vai gritando:
"Agora... Agora... Agora... Agora...".

SEM LIMITE

Ocultas artimanhas há na mente,
que a faz sagaz e tão dominadora,
ensinando a alcançar, matematicamente,
tudo, com suas falsas muralhas protetoras.

Só razão, sem emoção, tão estranho,
começamos a invadir alheio espaço,
o castelo onde guardamos nossos sonhos,
quando um passo já não empurra outro passo.

E com o cálculo sutil — autodefesa —,
sem coração, só buscamos o resultado.
Ardilosamente, escolhe-se a presa,
para ficar sempre cativa ao nosso lado.

Mas um dia, sem liberdade, o cálice fino,
única razão da vida e da arte,
tão infernal, pouco divino,
em pequenos cacos se parte.

Tiramos a essência, a liberdade,
fomos muito além do seu contorno.
E para não enfrentar a realidade,
transformamos uma jóia num adorno.

LUME

O sentimento, em forma de poesia,
escondeu-se num verso tristonho,
refugiou-se no mundo dos sonhos
da realidade que o surpreendia.

Somente o encanto,
como perfume predileto,
permaneceu na mente ileso,
entre a claridade e a sombra.
Foi o lume que me manteve aceso.

Hoje o canto não é mais precoce,
do silêncio a revelação,
do segredo o desejo da posse,
na louca dança da sedução.

SONHO DE ESCULTOR

No poente, uma floresta de nuvem arde.
Um duende a incendiou por brincadeira,
o mormaço vai tomando a casa inteira,
na janela, ainda brilha a luz da tarde.

E fica nos quadros, na sala, na parede,
eu vou escrever lá na cozinha.
No papel, as palavras correm como linha,
tecendo versos, de você eu sinto sede.

A noite já surgiu lá adiante,
agora o sono não precisa mais ter pressa,
no poema apareceu o seu semblante,
neste instante a minha realidade começa.

É NATAL...

É Natal. Luminosos em todas as partes brilham, piscam intermitentes em vários idiomas. As lojas, com suas grandes bocas, mastigam e vomitam pessoas e pacotes. Em meio ao esplendor da agitação urbana — o vaivém dos que consomem o que resta. A cidade esconde nos seus becos escuros suas sujas calçadas e, em meio a papelões, fazem moradas. São sombras — restos de pessoas —, com faces mórbidas à espera do pão jogado. Duas realidades se conflitam: numa, a opulência dos que aproveitam a vida e seus encantos, bailes, bares, restaurantes, discotecas, risos ecoando ruidosamente noite afora, bebida, brindes, comida festa. Na outra, sem fantasia, sob as marquises, famílias de famintos disputam um canto debaixo da realidade fria. Lá não há Papai Noel, contos de fadas. As gatas borralheiras, ainda crianças, são estupradas. Nem tampouco o Deus compassivo, onisciente, onipotente, onipresente. Nada de sobrenatural acontece. Não há dogmas ou enigmas a serem decifrados. O príncipe encantado rouba, assalta, mata, vira manchete de jornal, ocupa a mídia, entra e sai da escola do crime. Não há nada além do grito selvagem, alucinante e desesperador da realidade. As autoridades e os religiosos fazem vista grossa. Fingem não entender a antiga melodia, entoada pelo grande coral de miseráveis, nos quatro cantos do país. Passam na surdina e vão para suas confortáveis casas, suas mansões, e sob o calor das lareiras, tomam sua champagne, seu whisky, seu vinho quente. Aí não há o perigo das enchentes e, ao seu lado, como animal doméstico, a sorte se deita, não tão longe da floresta fria de concreto, onde aqueles pobres animais humanos têm a morte à espreita.

A POESIA

O pensamento prende a todo instante,
junto à heróica esperança do desejo,
a minha atenção ao sonho alucinante,
de um corpo nu que só eu vejo.

E quando só, de todos me aparto
e abandono a palavra bem medida,
surge então, com justa causa,
sua lembrança, que nunca me dá pausa,
sempre me despertando para a vida.

Acompanha-me, sem parar, insistentemente.
Rouba a atenção do que segue à frente
e ameaçando tudo, como fera,
não aceita o sossego do presente,
nem tampouco o momento da espera.

E pelo corredor em que passo agora,
surge a anatômica figura:
é um poema, ó doce criatura!
Um fio de esperança me aperta,
provoca-me por querer, como outrora,
antes de sobrevir a posse certa.

PSIU!...**

Façam silêncio!
As mãos brotam no ventre do espaço,
anatomicamente perfeitas.
Emergem na flor da terra,
fecundada pela imaginação da artista.
Estão ali, com sua plasticidade criadora, eloqüente.
Misteriosamente separadas e unidas.
São tão independentes, possuem tanta autonomia.
Parecem o centro do universo.
Em torno delas tudo se gravita.
A cada olhar, uma nova e maior dimensão.
Ora uma criança, ora um poeta,
ora um louco pára só para escutar suas vozes.
Há nos movimentos carinho, ternura, súplica,
luta, angústia, ansiedade, medo.
São mãos que agradecem, que abraçam,
que decidem, que criam,
que acenam, que apoiam.
Nada ficou escondido.
Nenhuma, cerrada, guarda segredo.
Olhem-nas sem dizer nada!
Psiu!... Façam silêncio!
Não espantem esses gestos.

** Inspirado no trabalho "Mãos que falam", da artista plástica e escultora guarulhense Sandra Perdichizzi, que participou da Exposição de Presépios Internacionais juntamente com oito países da América Latina.

O SONHO E A REALIDADE

Sou um poeta,
um amante solitário.
Trago no peito, guardado,
um segredo — fonte de inspiração.
É uma mulher que me encanta, me fascina.
A um só tempo imaginária e verdadeira,
frágil, selvagem, devassa, infernal, divina.
Às vezes inatingível — uma estrela —,
uma verdade distante,
um ideal impossível.
Noutra a musa — a obra de arte —,
feita de pura magia.
Mantém a sinuosidade sedutora
sobre o efeito da luz e da sombra.
É quase um sonho — ora realidade, ora fantasia.
A necessidade emergente
— todas as noites o nosso encontro —,
o doce, o alucinante compromisso
de encontrá-la no caminho da poesia.

Penso, sonho, fantasio, escrevo,
ousando no meu verso até me atrevo
a desnudar o seu banquete de harmonia,
e a me perder pelo seu corpo movediço.
Ela se entrega, bela e nua,
ao longo beijo nos claros e escuros.
Os versos vão assim quebrando muros,
andando em sua busca pela rua.
Mas só a ousadia do meu pensamento
é que invade a carne sua.
E o poema não se engana,
é o antigo impulso com força do novo tempo.
É o próprio renascimento,
o passado se revelando no presente,
no louco prazer da fome humana.
E no belo jogo da sedução,
uma energia, sem alarde,
avisa que o ritual da conquista
precede o ritual da carne.

ARY BADDINI TAVARES

A VIAGEM

A viagem transcorreu como se poderia esperar. Entre os dois mundos apenas uma noite cheia de sonhos, com a duração de algumas velozes décadas e o cenário em constante modificação. O novo mundo é fantástico, com sua ciência, seu automatismo, sua desagregação e suas extravagâncias. A saudade do velho é que atrapalha um pouco a visão. Era bucólico e simples. As pessoas se conheciam, os vizinhos se visitavam, trocavam cumprimentos, se abasteciam na mesma vendinha e se encontravam no bonde, a caminho do trabalho. Conheciam o motorneiro, faziam *footing* na rua principal, e namoravam com discrição e respeito. É lamentável que a viagem tenha sido compulsória. O veículo foi o tempo, e, apesar das grandes janelas, não parou um momento sequer em todo o percurso.

Eu vi, juro que vi. Mantive os olhos abertos durante toda a viagem e não saí da janela. Assisti o velho mundo sumir na distância, deixando apenas na memória a imagem das ruas de terra, dos terrenos baldios da velha São Paulo, carregada de áreas rurais, do bonde Olavo Egídio (naquele tempo nem era doutor, como hoje) de reboque e manobrando de costas, do vetusto prédio que abrigava o Grupo Escolar Toledo Barbosa, homenageado cujo retrato enfeitava a sala do diretor e que ninguém informava quem era. Um bando de pardais barulhentos, com sua espontaneidade infantil, conseguiam dar um tom de vida ao casarão já velho antes mesmo da data da partida.

A cidade provinciana sonhava ser Europa, a começar pelo uniforme de sua Guarda Civil, de tecido grosso azul-marinho, cópia fiel do projeto feito especialmente para que seus colegas ingleses suportassem o frio das noites do inverno londrino. Gravata, é claro, sobre a camisa branca ou, então, fechar a túnica até o pescoço. A mesma gravata sem a qual ninguém poderia entrar sequer nos cinemas "purgueiros" da periferia. Havia pobres, mas não favelas. Crimes, mas não chacinas. Furtos, mas não assaltos. Nasci lá e não sabia que teria que fazer essa fantástica viagem para um outro e formidável mundo. Só soube quando estava embarcado, na janela, olhos e mente bem abertos.

O notável é que estou neste mundo novo, gozando as vantagens e sofrendo as agressões daqui. Escrevendo estas notas em computador e lembrando que aprendi a esboçar as primeiras palavras a lápis para, só então, habilitar-me ao uso da caneta com pena, que se molhava no tinteiro de vidro sem tampa que ficava no buraquinho cuidadosamente feito no meio da carteira. O imprescindível mata-borrão na mão esquerda, para não esparramar a tinta pelo papel nem sujar a camisa branca.

A lembrança das visões mais recentes está fixada na fila de modernos e velozes veículos, parados em congestionamentos no Anhangabaú, da passagem subterrânea que, vista de certos ângulos, lembra os jardins que vi no início da viagem, afastado da Praça do Correio pelo sólido prédio da Receita Federal. Lá há meia dúzia de proprietários de automóveis, estacionava sem dificuldade e podia, sem risco, sentar e apreciar a paisagem. Do Correio saía a rua do Seminário em ângulo com a Anhangabaú. Estreitas, com alguns terminais de ônibus e, na esquina com a avenida São

João, o Pingüim. Incrível como essa esquina é igual à da minha terra. Não tem o Bar Automático nem o Santiago, fotógrafo dos artistas, mas os prédios parecem os mesmos, como se a memória e a realidade se confundissem.

Eu, menino, fui gravando no filme quase virgem da memória as visões que passavam velozmente e as sensações que se acumulavam. Foi o enorme "metrô" da canalização do rio Anhangabaú que precedeu a abertura da grande avenida. Foi a inauguração da Ponte das Bandeiras, que se deslocava pelo menos uns cem metros do antigo caminho de Santana. Foi a retificação do Tietê, com uma marginal de cada vez. Foi o final do trenzinho da Cantareira, já modernizado sob a bandeira de Sorocaba. O matagal dos namoros mais arrojados, transformado em Avenida Cruzeiro do Sul e, mais tarde, em metrô de verdade com suas fantásticas estações.

Tantas as imagens e tão mutantes as paisagens, que parece ter a viagem durado milênios. Surpreendente: a velocidade foi fantástica, e os mundos tão diferentes da partida e da chegada guardam entre si a insignificante distância de menos de meia dúzia de décadas.

Há uma grande vantagem em comemorar a viagem, mesmo porque não há como voltar. Enquanto o tempo corria sob a janela da imaginação, corria também a maturidade no viajante. Com ela a tolerância e a compreensão, necessárias para aceitar as novas realidades materiais e de costumes, capazes de mudar radicalmente o relacionamento em sociedade, mesmo tendo que reconhecer que os anseios individuais continuam sendo os mesmos e que as angústias de viver não conseguiram descer no meio do caminho. A alma

que sofre com o progresso procura consolação no enorme benefício do conforto material. O carro moderno de injeção eletrônica, mesmo parado no trânsito, é o consolo de não ter que ir a pé. A televisão invasiva é a compensação pela falta de diálogo com as visitas e os vizinhos. A oferta de bares, restaurantes e clubes substitui a arcaica união familiar, hábitos deixados no início da grande viagem.

A realidade é evidente, indiscutível mas não imutável. Quem viajou do bucólico planeta do passado para o fulgurante do presente pode se dar ao luxo de trazer de lá, como os viajantes da Lua, algumas pedras de lembrança. E, se tiver ânimo, tempo e um computador de última geração disponível, escrever sobre elas.

BISMAEL B. MORAES

UM LIVRO SOBRE O JULGAMENTO DE JESUS (*)

"Nenhum julgamento serviu, como o de Jesus, para uma negação tão insistente, obstinada e acatada de que foi um erro judicial e deu margem a um crime jurídico." (*Juiz Haim Cohn Hermann, ex-presidente da Suprema Corte de Justiça de Israel*).

1. INTRODUÇÃO

Tenha sido por arraigada sedimentação religiosa e dogmática, ou por interesse de análise acadêmica da Teologia, ou por motivos políticos e/ou filosóficos, a verdade é que as questões relacionadas à vida e à morte de Jesus, em regra, sempre foram objeto de discussão no mundo todo. (Houve até quem, de forma estapafúrdia, ousasse dizer que essa coisa de religião, no fundo, foi uma invenção do homem fraco e covarde, a fim de manietar e controlar os super-homens...)

Mas, aqui e agora, não vem ao caso eventual questionamento entre religiosos e ateus, entre fiéis e cépticos. Entretanto, na busca do conhecimento, todo trabalho sério, especialmente o de pesquisa, se faz merecedor de reflexão. E é isso o que se pretende: trazer, para reflexão, uma síntese sobre O JULGAMENTO DE JESUS, O NAZARENO.

O tema decorre da leitura do livro de autoria do magistrado Dr. Haim Cohn Hermann, nascido em 1911, ex-presidente da Suprema Corte de Justiça de Israel, publicado em inglês, em 1967, com o título *REFLECTIONS ON THE TRIAL AND DEATH OF JESUS*, e traduzido para o português, por Maria de Lourdes Menezes, como *O JULGAMENTO DE JESUS, O NAZARENO*, já em 5ª edição, publicação da Imago Editora, Rio de Janeiro, 1990.

2. UM JUIZ EM BUSCA DE RESPOSTAS

Trata-se de uma pesquisa científica do Juiz Haim Cohn, de forma criteriosa e sem pender para discussões doutrinário-religiosas, apenas com o intuito de levantar — como bem esclarece — a verdade da mácula que historicamente pesa sobre os judeus pela morte de Jesus, apontados, em regra, como responsáveis por aquele evento, tão somente com base em registros evangélicos.

Essa empreitada é levada a efeito pelo magistrado Cohn, através da exegese do Direito da época em que Jesus viveu, na busca de respostas para questões como estas:

Que crime praticou Jesus? Quem foi o responsável por sua prisão? Qual a Lei ou o Direito que ele violou — da Judéia ou de Roma? Por quem foi ele julgado e condenado? Quem ordenou a sua crucificação? A quem imputar a sua morte — aos judeus ou aos romanos?

Para essa obstinada pesquisa jurídica, sociológica e de costumes, de quase vinte séculos passados, o Dr. Haim Cohn analisou e comparou o Velho Testamento e

o Novo Testamento da Bíblia, os antigos Talmudes jerosolimitanos e babilônicos, citando 92 obras de autores diversos, em latim, inglês e, principalmente, em alemão (talvez pela forte influência da Igreja sobre o povo germânico), e mais 12 fontes hebraicas, 10 fontes judias, 6 fontes cristãs e 21 fontes romanas, todas da antiguidade, indo ainda à exegese da Mishná ou Michna (codificação da lei oral pós-bíblica realizada pelos sábios após a queda do Estado judeu, para, a despeito da perda da independência política, preservar a estrutura nacional jurídica) e do Tora (lei mosaica em pergaminho). Dissecou, com apoio no material pesquisado e com base em deduções lógicas, as formas de julgamento do Sinédrio, Tribunal Judeu, com 71 membros, formado por sacerdotes, anciãos e escribas (para julgar questões criminais e administrativas, bem como delitos de ordem política), ao qual Jesus foi submetido.

3. CONFRONTO: EVANGELHOS x FONTES JURÍDICAS

O Juiz Cohn, depois de registrar que, somente neste Século XX, já foram escritos mais de 60 mil livros sobre Jesus, e, dentre eles, vários sobre o seu julgamento, mostra que o trabalho em tela tem por meta a tentativa de encontrar uma **explicação convincente** para os fatos e acontecimentos que foram descritos em fontes não-jurídicas (os evangelhos), indo buscar tal explicação no acúmulo de conhecimentos que "possuímos sobre as instituições e os conceitos jurídicos que existiam naquela época e lugar". E esclarece que, para o empreendimento, "o valor dessas fontes, seja como fontes sagradas (teológicas) ou factuais (históricas),

está fora de discussão”: não serão convertidas em fontes jurídicas. A idéia da pesquisa é confrontar os fatos (descritos nos evangelhos e noutras fontes) à luz do Direito Romano e sua aplicação, bem como diante das leis judias em vigor por volta daquela época.

Na introdução do seu livro, aquele magistrado faz uma advertência: “Não podemos afirmar que a nossa atitude seja compartilhada por todos os juristas que já se ocuparam desse tema até agora. Muito ao contrário: tenho diante de mim quatro livros, de juristas ingleses e norte-americanos — Lord Shaw, Taylor Innes, Powell e MacRuer, todos eles cristãos fervorosos... Eles consideram tudo o que está escrito no Novo Testamento como material jurídico por excelência, uma espécie de testemunho válido sobre o que não pode haver dúvidas”.

4. DATAS DOS EVANGELHOS E SEU TESTEMUNHO

Em sua pesquisa científica dentro do Direito, o Dr. Cohn mostra que nenhum dos quatro evangelhos (de Marcos, Lucas, Mateus e João) inclui depoimentos de testemunhas presenciais dos eventos que descrevem. Com base no livro *Jesus and the Origins of Christianity*, de Goguel, está demonstrado que o *Evangelho de Marcos* foi escrito por volta do ano 70 da Era Cristã (do nascimento de Cristo), o *Evangelho de Lucas* data, aproximadamente, do ano 85, o *Evangelho de Mateus* veio à luz, mais ou menos, no ano 90, e o *Evangelho de João*, por volta do ano 110.

Assim, tomando como fonte o pesquisador Winter, em seu livro *On the Trial of Jesus*, escreveu o Juiz

Haim Cohn: “Logo, o *Evangelho de Marcos* foi escrito cerca de quarenta anos após a crucificação de Jesus, e Lucas escreveu mais de duas gerações depois desses acontecimentos. Disso se depreende que os depoimentos ali existentes não correspondem a testemunhas presenciais”. E acrescenta ser possível que os relatos dos evangelhos “sejam uma tradição conservada pela congregação de crentes e transmitida de geração em geração. Mas, se serviam para saciar a curiosidade biográfica dos crentes sobre a morte de Jesus, não continham nenhum tipo de documentação jurídica”. Os evangelhos, assim, não foram escritos como bases históricas, mas como meio de difundir o cristianismo, aí recorrendo, por vontade do evangelista — como é o caso de João — a utilização livre de sua imaginação, “para acrescentar detalhes e melhorar a descrição, não aceitando limitações antiquadas ao apresentar não História, mas Teologia”.

Consta da pesquisa de Dr. Haim Cohn o registro de um dos mais antigos escritores, que teria vivido entre o ano 55 e o ano 115, de nome Tacitus, o qual, em seu *Annales*, com tradução de Dvoretzky, em 1962, “relata de passagem, para explicar o significado do nome Cristão (de seita perseguida durante o reinado de Nero), que Cristo é o pai de todos os cristãos, e que foi executado na época do imperador Tibério pelo governador Pôncio Pilatos”.

Diz o magistrado Cohn: “Alguns pesquisadores sustentam que ‘de tudo que está escrito nos evangelhos, só podemos aceitar que Jesus viveu e foi crucificado, sendo o resto meros adornos para maior glória da fé’. E acrescenta que “a interpretação dos acontecimentos descritos nos evangelhos é uma questão aberta, e todo aquele que os ler ou analisar poderá fa-

zer a sua própria interpretação... No que diz respeito às causas do julgamento de Jesus e à sua condenação, como também às circunstâncias, ao fundamento e ao objeto do julgamento, não aceitaremos o que está escrito nos evangelhos como testemunhos indubitáveis; nossa atitude para com eles será a de um juiz cuidadoso e neutro, com a liberdade absoluta de quem tem diante de si um livro aberto”.

5. ANÁLISE DO EVANGELHO DE MARCOS

Na análise dos quatro evangelhos, começa pelo *Evangelho de Marcos*, registrando, em síntese, o seguinte:

a) Judas, discípulo de Jesus, segundo a tradição, entregou-o aos perseguidores, com um beijo, no momento em que o Nazareno repousava no Horto de Getsêmani;

b) os perseguidores — uma turba com espadas e porretes — vinham da parte (por ordem) dos principais sacerdotes, escribas e anciãos;

c) Jesus foi conduzido à casa do Sumo Sacerdote (Caifás, como registra Mateus), à noite, onde os principais sacerdotes, anciãos e escribas, em domicílio (reunidos), buscaram testemunhos contra o mesmo para entregá-lo à morte, mas não conseguiram (era um interrogatório noturno);

d) no meio do concílio, o Sumo Sacerdote perguntou a Jesus: “Nada respondes ao que testemunham contra ti? És tu o Cristo, Filho de Deus?”. E Jesus respondeu: “Eu sou”, momento em que o Sumo Sacerdote, rasgando sua veste (que era o costume ao ouvirem o que entendiam por blasfêmia), disse: “Que

mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia?”. E todos o declararam digno de morte, e alguns cuspiram-lhe e deram-lhe murros e bofetadas;

e) de manhã levaram Jesus, amarrado, a Pôncio Pilatos, governador da Judéia, e este perguntou: “És tu o Rei dos Reis?”, tendo o Nazareno respondido: “Tu o dizes”. Como os principais sacerdotes o acusavam muito, Pilatos voltou a interrogar Jesus: “Nada respondes do que te acusam?”. E Jesus calou, admirando-se Pilatos;

f) e como era costume libertar um preso por ocasião de festividade (e era festa da Páscoa), Pilatos perguntou ao povo (que tinha direito a tal pedido) se deveria perdoar a pena do homem a quem chamam Rei dos Judeus ou a de Barrabás (um homicida). A população, incitada pelos líderes dos sacerdotes (que invejavam a fama de Jesus), pediu a libertação do homicida e a morte de Jesus: “Crucifica-o”;

g) Pilatos, mesmo tendo dúvidas quanto ao crime de Jesus (“Que mal fez ele?”, perguntou), atendeu à vontade do povo;

h) os soldados romanos levaram Jesus ao pátio do tribunal (Sinédrio), convocando a companhia (de soldados) para as zombarias e os maus-tratos, conduzindo-o depois à crucificação, num lugar chamado Gólgota (“lugar da Caveira”);

i) os soldados obrigaram o transeunte Simão Cireneu (da cidade de Cirene) a acompanhá-los, carregando a cruz (muito pesada para Jesus), onde seria realizada a crucificação;

j) os soldados deram a Jesus vinho com mirra, que ele não bebeu, e, depois de crucificá-lo, repartiram entre si suas vestes, deixando-o entre dois ladrões,

isso na terceira hora (cerca de 9 horas da manhã), de forma zombeteira;

k) cerca de seis horas depois da crucificação (com os passantes escarnecendo de Jesus: "Salva-te a ti mesmo e desce da cruz!"), ele clamou: "Deus, meu Deus, por que me abandonaste?". E, a seguir, expirou.

6. ANÁLISE DO EVANGELHO DE MATEUS

O *Evangelho de Mateus*, nesse episódio, em linhas gerais, repete o que diz o *Evangelho de Marcos*, acrescentando, porém, o seguinte:

a) duas testemunhas afirmaram, quando do interrogatório noturno na casa de Caifás (Sumo Sacerdote), terem ouvido Jesus dizer que podia "derrubar o templo de Deus e em três dias reedificá-lo", e que Jesus, ao ser instado por Caifás sobre isso, nada respondeu;

b) o arrependimento de Judas, que devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e anciãos, mas Jesus já estava diante do governador Pilatos;

c) a mulher de Pilatos pediu que ele não se envolvesse "com o sangue desse justo", porque em sonhos muito sofrera por causa dele;

d) Pilatos, vendo que não conseguia demover a turba, uma vez que a multidão era insuflada pelos principais sacerdotes e anciãos que queriam a morte de Jesus, tomou água e lavou as mãos diante do povo, dizendo: "Sou inocente do sangue desse justo", e libertou Barrabás, açoitou Jesus e o entregou para ser crucificado.

7. ANÁLISE DO EVANGELHO DE LUCAS

Já o *Evangelho de Lucas* traz algumas diferenças marcantes, tais como:

a) Jesus estava com seus discípulos, no Monte das Oliveiras, quando Judas, com seu beijo, entregou-o à turba composta pelos principais sacerdotes, os chefes da guarda e os anciãos;

b) na casa do Sumo Sacerdote, bateram em Jesus e dele zombaram, vendando-lhe os olhos e perguntando-lhe: "Profetiza: quem foi que te bateu?".

c) de manhã, reunidos os principais sacerdotes, os anciãos do povo e os escribas, Jesus foi trazido diante de concílio, quando então lhe perguntaram: "És tu o Cristo?". E Jesus respondeu: "Se vos disser, não acreditareis... Mas, desde agora, o Filho do Homem se sentará à direita do Poderoso Deus". E todos disseram: "Logo, tu és Filho de Deus". E Jesus respondeu: "Vós dizeis que o sou";

d) toda a multidão levou Jesus a Pilatos, acusando-o assim: "Perverte a nação e proíbe de dar tributos a César, dizendo que ele mesmo é um rei". E Pilatos o interrogou: "És tu o Rei dos Judeus?". E Jesus respondeu: "Tu o dizes". E Pilatos disse a todos os presentes: "Nenhum delito acho neste homem"; depois, sabendo que Jesus era galileu, da jurisdição de Herodes, que reinava na Galiléia e que, naquele dia, este também se achava em Jerusalém, mandou que o levassem a ele;

e) Herodes alegrou-se ao ver Jesus, porque ouvira falar dele e queria vê-lo fazer milagres; porém, dirigindo algumas perguntas a Jesus, e este se mantendo em silêncio, Herodes escarneceu dele e mandou-o de volta a Pilatos; por isso houve reconciliação entre Herodes e Pilatos, que eram inimigos;

f) Pilatos, convocando os principais sacerdotes, os anciãos e o povo, disse que, tendo interrogado Jesus, e nele não achando crime algum, e também Herodes não o considerando culpado, iria soltá-lo depois de tê-lo castigado;

g) mas Pilatos não pôs Jesus em liberdade, fazendo-o a Barrabás (preso por sedição e homicídio), atendendo ao clamor da multidão e dos principais sacerdotes;

h) na hora sexta (meio-dia), houve treva sobre toda a Terra, e, na hora nona, Jesus clamou em voz alta: "Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito", e expirou.

8. ANÁLISE DO EVANGELHO DE JOÃO

No *Evangelho de João*, há outras diferenças, como podem ser observadas a seguir:

a) Jesus achava-se com seus discípulos em um horto, do outro lado do Cedron, lugar conhecido por Judas, que lá estivera com ele e os demais seguidores;

b) Judas tomou uma companhia de soldados e guardas dos principais sacerdotes e dos fariseus, conduzindo-os ao lugar com lanternas, tochas e armas;

c) Jesus perguntou: "Quem buscais?", e a resposta foi: "Jesus, o Nazareno". E ele disse: "Sou eu". E a companhia de soldados, o tribuno e os guardas dos judeus o prenderam e amarraram;

d) foi levado primeiro à casa de Anás, sogro de Caifás (Sumo Sacerdote), tendo este último interrogado Jesus sobre seus discípulos e sua doutrina;

e) Jesus respondeu a Caifás: "Sempre ensinei nas sinagogas e no templo, e nada falei às ocultas. Por que

perguntas a mim? Pergunta aos que escutaram o que lhes falei eu". E um guarda que ali estava deu uma bofetada em Jesus, dizendo: "Assim respondes ao Sumo Sacerdote?". E Jesus disse: "Se falei mal, testemunha em que está o mal, e se falei bem, por que me bates?";

f) Anás enviou Jesus amarrado a Caifás, onde foi mantido até de manhã, sendo dali conduzido ao tribunal. Mas os que o conduziram (não se sabe quem foi) "não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer na Páscoa";

g) Pilatos veio do Tribunal e perguntou aos condutores de Jesus a respeito de que o mesmo era acusado, ao que lhe responderam: "Se não fosse malfeitor, não o entregaríamos a ti". E disse Pilatos: "Tomai-o e julgai-o segundo a vossa lei". Mas os judeus responderam: "A nós não é permitido matar ninguém";

h) Pilatos voltou ao pretório (tribunal) e perguntou a Jesus: "És tu o rei dos judeus? Tua nação e os principais sacerdotes te entregaram a mim. Que fizeste?". E Jesus respondeu: "Meu reino não é deste mundo". Voltou Pilatos a perguntar: "Logo, tu és rei?". E disse Jesus: "Tu dizes que eu sou rei. Eu para isto nasci e para isto vim ao mundo. Para dar testemunho da verdade".

i) foi Pilatos outra vez aos judeus, dizendo que não havia achado nenhum delito em Jesus. Porém, alegando que os eles tinham o costume de libertar um preso na Páscoa, perguntou: "Quereis, então, que vos liberte o rei dos judeus?". E todos gritaram: "Não este, mas Barrabás". E o evangelista explica que este era ladrão;

j) Pilatos voltou a sair do tribunal, dizendo ao povo não ter achado delito em Jesus, este trazendo

uma coroa de espinhos e um manto de púrpura, tendo assim acrescentado aos principais sacerdotes e aos guardas: "Eis o homem". E todos gritaram: "Crucificai-o! Crucificai-o!". E Pilatos disse: "Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não achei delito nele";

k) os judeus responderam: "Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque fez a si mesmo Filho de Deus". E Pilatos teve medo dessas palavras, retornando ao tribunal com Jesus, a quem perguntou: "De onde és?", e não recebeu resposta;

l) disse Pilatos: "Não sabes que tenho autoridade para crucificar-te e para salvar-te?". E respondeu Jesus: "Nenhuma autoridade terias contra mim se ela não te fosse dada de cima";

m) quando Pilatos tentou pôr Jesus em liberdade, os judeus gritaram: "Se este soltas, não és amigo de César. Todo aquele que se faz rei se opõe a César". E Pilatos levou Jesus para fora, sentou-se no Pavimento e disse: "Eis aqui o vosso rei". E os judeus gritaram: "Fora, fora, crucificai-o". E perguntou Pilatos: "Vosso rei devo crucificar?". E os principais sacerdotes responderam: "Não temos outro rei senão César";

n) Jesus foi entregue nas mãos dos judeus para que fosse crucificado, e estes o levaram. Jesus carregava a cruz ao lugar chamado de Caveira (Gólgota, em hebraico), e ali o crucificaram, tendo sido Pilatos quem escreveu uma inscrição colocada sobre a cruz: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus", em hebraico, grego e latim;

o) os principais sacerdotes judeus se dirigiram a Pilatos: "Não escreva Rei dos Judeus", mas que ele (Jesus) disse: 'Eu sou o Rei dos Judeus', ao que Pilatos respondeu: "O que escrevi, escrevi";

p) por fim, Jesus despediu-se de sua mãe e de seu discípulo, dizendo que tinha sede. Então havia ali

uma vasilha de vinagre, e, com uma esponja em sua boca, Jesus bebeu vinagre e disse: "Está consumado", e, inclinando a cabeça, entregou seu espírito.

Com essas e outras observações, confrontando os quatro evangelhos — de Marcos, Mateus, Lucas e João —, o juiz Haim Cohn procura mostrar as informações, em alguns casos até contraditórias entre os evangelistas, cada um deles escrevendo sobre os mesmos fatos em épocas diferentes, para concluir que esses escritos não podem ter valor científico como história.

9. JESUS FOI CONDENADO POR TRIBUNAL JUDEU?

Numa análise mais profunda do Direito antigo, para verificar se os judeus — embora tendo suas próprias normas, mas achando-se sob o domínio romano — tinham o poder de aplicar a pena de morte, o magistrado Cohn leva-nos a melhor refletir sobre a condenação e crucificação de Jesus. Mostra, por exemplo, os seguintes registros: a) de um Sumo Sacerdote que solicitou autorização do governador romano para convencer o Sinédrio a tratar de um possível caso de pena de morte; b) que em papiros egípcios encontra-se que governadores romanos no Egito costumavam utilizar os tribunais locais para efetuar investigações preliminares; c) a tradição encontrada, tanto no Talmude da Babilônia como no Talmude de Jerusalém, segundo a qual, quarenta anos antes da destruição do templo, foi retirada de Israel a autoridade para impor a pena de morte. (A destruição do templo corresponde à perda de autonomia judia, ao desaparecimento da soberania política da Judéia).

Assim, o autor Haim Cohn conclui: se, quarenta anos antes da destruição do templo, já se havia tirado dos judeus o direito de julgar questões penais de vida ou morte, não poderia ter sido um tribunal judeu que condenou Jesus à pena capital.

Foi, segundo o Dr. Cohn, de acordo com registros da tradição babilônica e jerosolimitana que "os cristãos começaram a publicar e difundir textos de propaganda e apologia, na segunda metade do século II, para sublinhar e realçar as diferenças entre eles e os judeus, não apenas no que se refere à fé, como também à fidelidade política aos governantes romanos".

"Já haviam sido publicados os evangelhos nos quais a tendência a desprestigiar os judeus encontrou um fundamento de peso. Se o fundador da religião cristã e seu criador (Jesus) eram inocentes aos olhos do governador romano, que não encontrou mácula nele nem em sua religião, *isso aparentemente comprovaria que a dita religião pode coexistir com a fidelidade ao Império*" (grifos nossos). E conclui o magistrado Haim Cohn: "E se apesar de tudo Jesus foi crucificado como um criminoso, isso se deve apenas à maldade dos judeus e de seu Sinédrio, que sabiam muito bem como era grande para eles o perigo implícito na nova religião, que terminaria acabando com a religião dos judeus".

O livro mostra que não havia sido encontrada prova de que as autoridades romanas tivessem alguma vez concedido autoridade judicial ao Sinédrio de forma explícita, fosse genericamente para o direito penal ou fosse para certos delitos em casos particulares. "O Sinédrio nada mais era do que um tribunal local em sua terra ocupada, que atuava apenas sob a autoridade do governador (romano) e segundo a sua vontade."

"Em resumo", esclarece o autor, "o Sinédrio só estava autorizado a julgar delitos segundo a **lei judia**, assim como o governador romano só estava autorizado a julgar delitos segundo o Direito Romano."

Por exemplo, profanar o templo não representava delito, de acordo com o Direito Romano, mas o era segundo o Direito Judeu. Nesse caso, o governador romano poderia entregar o assunto para o Sinédrio.

10. CONTROVÉRSIAS EVANGÉLICAS E AS LEIS ROMANAS E JUDIAS

No *Evangelho de Lucas*, quando a multidão (de judeus) levou Jesus a Pilatos, depois de o terem interrogado (os principais sacerdotes e anciãos), foi o Nazareno acusado: "Perverte a nação e proíbe de dar tributo a César, dizendo que ele mesmo é um rei". Aí, pelo evangelista Marcos, Jesus estaria sendo acusado pelos judeus como tendo infringido a lei romana, pois se colocava como rei e desafiava o imperador romano. Já no *Evangelho de João*, quando Pilatos entrega Jesus aos judeus, dizendo: "Tomai-o e crucificai-o porque eu não achei nenhum delito nele", os judeus responderam: "Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei, ele deve morrer, porque fez a si mesmo Filho de Deus". Aqui, evidentemente, por esse relato de João, Jesus teria infringido a lei judia!

Aliás, o registro do *Evangelho de João* vai mais longe. Quando Pilatos tentou pôr Jesus em liberdade, os judeus gritaram (preferindo que Barrabás fosse solto): "Se este soltas (referindo-se a Jesus), não és amigo de César. Todo aquele que se faz rei se opõe a César". Assim, depois que João escreveu que, segundo a lei

judia, Jesus deveria morrer "porque fez a si mesmo Filho de Deus", procura mostrar que os judeus, vendo a intenção de Pilatos em soltar Jesus, teriam como que colocado o governador contra a parede: "Se soltas um homem (Jesus) que se faz rei e se opõe a César, então não és amigo de César!"

Por outro lado, o *Evangelho de Marcos* registra que Jesus praticou blasfêmia diante do Sumo Sacerdote, quando este o interrogou: "És tu o Cristo, Filho de Deus?", e o Nazareno respondeu: "Eu sou". E o Sumo Sacerdote, diante do concílio, interrogatório em sua casa, disse: "Ouvistes a blasfêmia?". Colocar-se na posição de Filho de Deus, para a lei judia, era delito de blasfêmia, que podia levar à morte! É claro que os interlocutores ou não entendiam ou não queriam entender o que Jesus dizia!

Embora de relance, pelo *Evangelho de Mateus*, Jesus também teria praticado delito contra a lei judia, quando registra que duas testemunhas afirmaram que, no interrogatório noturno, na casa de Caifás, o Nazareno teria dito que podia "derrubar o templo de Deus e em três dias reedificá-lo".

11. MAIS COERENTE É O EVANGELHO DE JOÃO

O livro do Dr. Haim Cohn, para demonstrar uma espécie de tendência não discutida quanto à responsabilidade dos judeus pela morte de Jesus, cita inclusive a existência de dois outros personagens com o nome Jesus: um teria sido bruxo e instigador (bruxaria e instigação tinham a pena de morte pela lei judia), sendo a sua morte por lapidação, às vésperas da Páscoa (con-

forme registro do Talmude Babilônico); chamava-se Ben Setda ("Ben", no hebraico, é Filho; "Setda", segundo os sábios amoraitas, é pseudônimo talmúdico de Maria, mãe de Jesus). É registro do século III, d.C., refletindo uma tradição equivocada, pois tal personagem foi preso e morto na cidade de Lod, e outro, que existiu aproximadamente entre os anos 150 a 100 a.C., também instigou os judeus à idolatria e, por isso, foi condenado à morte por lapidação (apedrejamento) pelo tribunal, às vésperas da Páscoa, sendo depois o seu corpo colgado (pendurado na madeira) e, no mesmo dia, enterrado. Esse segundo Jesus teria sido aluno de Joshua Ben Perahya. O autor registra, até, que o nome Nazaré (de Jesus de Nazaré) teria nascido de um acréscimo, por desconhecimento de cronologia histórica, apenas porque no Talmude Babilônico há o relato de que Joshua Ben Perahya "empurrou Jesus de Nazaré com ambas as mãos". Teria vivido antes do Cristo. Não há fonte talmúdica que afirme o julgamento de Jesus de Nazaré.

O magistrado Haim Cohn, depois de analisar tantos documentos e de confrontar as inúmeras versões sobre o julgamento de Jesus, pondo inclusive por terra a eventual conspiração de Judas, que teria ajudado, por moedas, na busca e prisão do Nazareno (porque Jesus era sumamente conhecido, e os seus percursos em Jerusalém e nos arredores eram de conhecimento geral, não havendo objetivo real e justificativa plausível para a traição, nem razão histórica para isso), mostra-se propenso em aceitar que o relato do *Evangelho de João* é o mais coerente: segundo esse evangelista, Jesus foi preso por "um tribuno romano no comando de sua corte, toda ou parte dela, em presença da guarda do templo". Entende que o relato merece fé, e já foi

aceito pela maioria dos pesquisadores, "porque, de todos os evangelistas, é João o que mais exagera na defesa dos romanos e na crítica aos judeus".

Os livros de Marcos, Mateus e Lucas são chamados de evangelhos sinópticos (porque permitem uma visão de conjunto de suas versões) pelo Dr. Haim Cohn, pois, dentre outros registros, falam que, no momento da prisão de Jesus, a multidão estava armada com espadas e garrotes ou porretes, enquanto João fala de velas, tochas e armas, não restando dúvidas de que as armas eram dos soldados romanos.

12. OS RELATOS EVANGÉLICOS E A REALIDADE HISTÓRICA

Com base no Direito Judeu, o autor entende que nos registros dos evangelhos há muita coisa irreal e impossível, especialmente em relação ao Sinédrio:

- a) este não podia se reunir para casos de direito penal, na casa do Sumo Sacerdote, mas só no recinto oficial;
- b) não estava autorizado a se reunir à noite;
- c) casos possíveis de pena de morte não eram julgados em dias festivos, nem em vésperas de festa;
- d) nenhum acusado podia ser condenado à morte pela sua confissão;
- e) só se condena um homem em julgamento, se pelo menos duas testemunhas o tiverem visto cometer o ato de que é acusado;
- f) só seria condenado o homem se duas testemunhas dissessem que o preveniram para não praticar o ato;

g) o blasfemo não era considerado culpado desde que não pronunciasse expressamente o nome de Deus, na presença de testemunhas.

Se o julgamento assim se deu, "foi ilegal desde o início até o fim", e "Jesus foi vítima de um assassinato judicial."

Depois de provar que os relatos evangélicos não servem como relatos válidos para a história como ciência, o magistrado Haim Cohn explica que "as perseguições aos judeus, judiciais e extraconjugais, todas elas se produzem no fundo da fonte consciente ou inconsciente, como castigo pela 'culpa deles' na crucificação de Jesus. Isso porque o interesse dos Evangelhos era eminentemente religioso e missionário, e sua tendência era apologética com respeito ao Império Romano. Essa descrição intencional e equivocada obteve difusão mundial, convertendo-se em dogma e conquistando a metade do orbe. Foi apagada e esquecida a verdadeira realidade histórica."

É um livro que exige do leitor muita reflexão, sem preconceito.

O SEU E O MEU

O seu olhar penetrante,
O seu sorrir provocante,
O seu andar excitante,
O seu falar cativante...

O meu buscar incessante,
O meu peito ofegante,
O meu vibrar delirante,
O meu troféu de amante!

O seu querer hesitante,
O meu sofrer alarmante;
O seu amor, já distante...
O meu viver expirante.

CASTELO HANSEN

O DIA QUE NÃO AMANHECEU

O calendário diz que hoje é 28 de maio de 1999. O relógio diz que agora são dezoito horas. Mentira! Se fosse seis da tarde, hora da Ave-Maria, haveria um bonito crepúsculo, o sol estaria indo embora para o outro lado do mundo.

Não está, ainda nem sequer apareceu por aqui. Hoje o dia não amanheceu, desde as primeiras horas da madrugada ninguém viu a cara do sol. Um dia desses só é bom para se ir a um velório, de preferência dentro do caixão.

Num dia desses todo mundo tem o direito de matar, roubar, desonrar pai e mãe, jurar falso testemunho, cobiçar a mulher do próximo e até não amar a Deus sobre todas as coisas. Se Ele se dá o direito de fazer um dia assim, nada pode exigir de seus filhos.

Hoje o dia não amanheceu.

Ainda se estivéssemos no inverno, o sol teria direito de chegar mais tarde e ir embora mais cedo, mas teria de aparecer.

Pelo menos ao meio-dia teria a obrigação de brilhar em toda a sua plenitude, mesmo que fosse aquela plenitudezinha mixuruca de inverno. Mas não tem o direito de não dar as caras nem satisfação. E ainda é 28 de maio — o mês de Maria. O inverno falta quase um mês para começar. É imperdoável essa mancada do sol.

O dia de hoje não existiu, portanto. Se soubéssemos, todos nós, moradores deste hemisfério, deveria-

mos ter feito greve, e não sair da cama, não ir trabalhar.

Amanhã, se saísse sol, acordaríamos, e seria dia 28 de maio de 1999, sábado. Como isso não aconteceu, o tempo prossegue, inexorável. Mas insisti em dizer que o dia de hoje não existiu. O ano de 1999 terá apenas 364 dias.

A EPOPÉIA DE UMA BANANA

Já falei do meu amigo Osvaldo Alves, ator, poeta e artista plástico? Pois vou contar mais uma que aconteceu com ele. Nessa talvez eu tenha sido o protagonista, ou, pelo menos, o personagem mais ridículo.

Era um domingo, o Grupo Literário Letraviva realizava o seu Recital Aberto de Poesia, que acontece todos os meses no auditório Pedro Dias Gonçalves, na Biblioteca Municipal de Guarulhos, e Osvaldo iria apresentar uma performance cômica com outro ator. O recital, de vez em quando, além das poesias, apresenta pequenos trabalhos teatrais. O texto daquele domingo, escrito ou bolado por Osvaldo, exigia que, em determinado momento, o segundo ator comesse uma banana.

Logo depois do almoço rumamos à biblioteca, para ensaio e preparo de cenário. Eu nada tinha com a história, mas era presidente do Letraviva, e nada acontecia sem a minha presença. Chegando lá os atores prepararam o cenário, tudo direitinho, mas tinham esquecido um elemento indispensável: a banana.

E lá sai eu a procurar um exemplar da fruta símbolo do Brasil. Percorri o centro de Guarulhos, não achei uma quitanda aberta. Desci até a avenida Paulo Faccini, onde havia um bar já prestes a se fechar. Os funcionários estavam lavando o chão e as portas estavam semi-abaxadas. Tentei entrar e perguntar se o homem poderia vender pelo menos uma das bananas que eu via sobre o balcão, certamente para fazer vitaminas. O homem esbravejou, talvez me achando com cara de assaltante, e percebi que se desse mais um passo ao interior do estabelecimento seria expulso a porradas, pontapés e golpes com o ferro de abaixar a

porta. Saí, humilhado e cabisbaixo, prometendo a mim mesmo jamais gastar um centavo naquele bar...

Na Paulo Faccini realiza-se aos domingos uma excelente feira livre. Os feirantes já estavam desmontando suas barracas, mas eu percorri-a de cabo a rabo, na esperança de encontrar uma barraca de bananas ainda em funcionamento. Em vão. A solução foi procurar nos montes de lixo de fim de feira, onde acabei encontrando o precioso pomo, já não tão cor-de-ouro, mas ainda comível. Levei-o, triunfante, à biblioteca, e tudo terminou bem.

Só não sei o que pensaram de mim as pessoas — talvez algum conhecido — que me viram procurando, implorando, suplicando por uma banana.

A PERSONAGEM QUE GRUDOU NO ATOR

Oswaldo Alves é um verdadeiro artista popular. Ex-trabalhador rural em Sanharó (PE), ex-peão de obras em São Paulo, de pouco estudo, faz teatro, poesia e artes plásticas. Suas poesias, que geralmente ele não escreve, mas guarda na memória, têm linguagem muito simples e enredos hilariantes, focalizando focas em portão, hábitos culinários de brasileiros dos diversos rincões da pátria, ou tragicomédias amorosas, com um estilo meio parecido com o do cordel.

Em artes plásticas esculpe em argila bustos de personalidades conhecidas, e confecciona miniaturas de casas, algumas das quais transforma em abajur. Em teatro faz cenários, escreve comédias e interpreta seus próprios personagens, sempre com muito improviso. Basta subir ao palco que as idéias aparecem.

Um dos seus personagens mais importantes é a "véia Zefa", ou "Zefa Boca de Fogo". Vestindo o figurino, que consiste em velhas e berrantes roupas femininas, o ator se transforma em uma velha assanhada e contadeira de vantagens. Sua imensa riqueza, a "Xingatur", organização especializada em insultar as pessoas, suas aventuras radicais e os casos amorosos com personalidades que vão de FHC, Enéas e artistas globais a personalidades de Guarulhos e pessoas que se encontram na platéia.

Num domingo desses fomos à praça Getúlio Vargas, onde a Secretaria da Cultura realizava o programa "Arte na Praça".

Antes havíamos participado de outros eventos — sempre participamos dessas programações —, e quando chegamos a festa já estava se encerrando. Os orga-

nizadores, porém, exigiram que Osvaldo encerrasse o *show* com a "véia Zefa". Como ele trazia consigo o figurino, foi trocar-se no ônibus de uma das bandas, e nos apresentamos. Eu fui o "escada", aquele personagem sem graça que contracena com o comediante dando deixas às suas piadas.

Quando terminamos os artistas já estavam começando a ir embora, e logo os funcionários começaram a desmontar o palanque. O ônibus da banda já havia partido com as roupas do Osvaldo, deixando-o caracterizado com seu personagem em plena praça, já no começo da noite. Alguém deu carona ao ator, na tentativa de alcançar o ônibus. Não sei como ele faria para se trocar no veículo, entre integrantes da banda, sua equipe e seus familiares. Sei que não alcançou-o e voltou à praça, ainda vestido de velha. Por sorte conseguiu outra carona até a casa de um amigo nosso da vila São Jorge, pertinho do Centro, que emprestou suas roupas. Fico imaginando, maldosamente, como se sairia meu amigo se tivesse que tomar ônibus para sua casa, no Jardim São João, com as vestimentas escandalosas da velha assanhada.

A REFORMA DO PLANETA

Se eu fosse Deus e tivesse que dar uma reforma geral no planeta Terra, certamente não contrataria esses consertadores do mundo que vivem a discursar contra a situação. Geralmente são portadores da mais generosa das intenções, mas não conseguem ser generosos. Com seus princípios rígidos e suas ideologias infalíveis, não lhes sobra espaço no coração para o amor, a bondade e a tolerância, e seriam capazes de matar a própria mãe se ela interferisse em seu sonho de ver um mundo melhor. Além disso são muito chatos.

Também não contrataria esses caras que não gostam de nada errado. Neste mundo ninguém é perfeito, todos são passíveis de erro. Esses caras são falsos e petulantes. Se forem sinceros são perigosos, não gostam de ninguém, nem de si mesmos. O ser que mais se aproxima da perfeição é o computador, mas o coitado não tem alma nem sentimento. Mesmo assim, de vez em quando tem seus achaques. Até Deus — pelo menos se Deus fosse eu — de vez em quando comete seus pecadinhos.

Eu daria o serviço para um negrão brasileiro, gordo e risonho, cheio de piadas e trocadilhos, como muitos pedreiros e carpinteiros que conheço. A obra não seria concluída em tempo recorde, nem ganharia qualquer prêmio de eficiência. O meu brasileiro gordo e risonho chegaria às 9 horas, aceitaria o café que eu lhe ofereceria, e começaria a trabalhar, depois de me contar a última piada do seu repertório. Às 11 horas pararia para a refeição. Tomaria uma cachacinha antes do almoço, tiraria uma soneca depois, e voltaria ao trabalho às 3 da tarde. Às 5 guardaria cuidadosamente as

ferramentas, lavaria as mãos, e iria para o boteco tomar umas geladinhas, contar mentiras e certamente comentar a obra que estaria realizando. Talvez se orgulhasse do seu divino patrão, mas não perderia a oportunidade de fazer algumas piadas sacrílegas contra mim. Mas, devagarinho, o mundo iria ficando melhor, mais bonito, mais macio, mais colorido, mais melodioso. A globalização seria demolida, e o planeta dividido em tribos, cada uma com seus usos e suas culturas, e assim haveria mais costumes e mais culturas no mundo. Mas não haveria guerras tribais, étnicas ou ideológicas porque todo os problemas seriam resolvidos com o jeitinho brasileiro, com muito bom humor.

Na hora de pagar pelo serviço eu tiraria do meu colchão um monte de cédulas e as entregaria, sem contar. O colchão estaria sempre cheio de dinheiro, a milionésima parte dos dízimos cobrados pelos pastores em todo o planeta, e alguma mixaria doada diretamente por pessoas pobres de bolso e de espírito e simples de coração. No Céu não tem bancos nem banqueiros.

O bom brasileiro pegaria o dinheiro, contaria minuciosamente, e diria:

— Ih, doutor, tem um "pobrema". Eu não tenho troco.

Com a bondade que eu teria se fosse Deus, responderia simplesmente:

— Tá certo, não esquentar! Afinal, nós somos amigos...!

CLARIMUNDO DE OLIVEIRA AGUIAR

PEDRO E MARIA

Já o Astro Rei, aos poucos, ia se perdendo no horizonte, quando o pequeno barco fez-se ao mar. Intrepidamente afoito foi, lentamente, vencendo a aspereza das vagas na arrebentação, pulando por cima da espuma e rasgando resoluto a muralha de água.

Pedro, com a maestria adquirida no passar dos anos, vai se esquivando por entre os recifes, desviando-se das suas traçoceiras pontas, na procura de mar aberto. Aos seus pés a rede de malha fina espera a hora de ser jogada ao mar, para voltar carregada de prata viva, senão concretizar-lhe os sonhos, ou tão só continuar vivendo. Lida interminável a sua, enfrenta diariamente a morte, para poder continuar vivendo, até que um dia seja-lhe cobrada a temeridade, pagando com a vida o seu arrojo.

Todavia, Pedro não tem tempo para pensar nisso, no cotidiano a vida e a morte têm o mesmo sentido, e o homem, de tanto conviver com o perigo, sequer presta-lhe atenção, e, no mais, tem muito o que trazer do mar. É a sua sobrevivência e o sustento para os seus. Assim, como qualquer outro homem, seguindo a sina bíblica: "Tirarás do teu suor o pão de cada dia", Pedro segue a sua sina, e cada regresso representa a segurança de todos.

Quando os primeiros raios do alvorecer cobrirem de novo o seu mundo, trazendo um novo dia e anunciando nova esperança de fé e calor, também ele trará no bojo do bote uma renovada fé e a promessa da perpetuação da vida.

É esse o prêmio ou o castigo que todos nós temos de enfrentar; castigo quando aquilo que fazemos é por demais enfadonho e ao qual não nos afeioamos. Todavia, é prêmio se ao mister de que nos ocupamos estamos ligados pelo prazer e pelo amor.

Aquela tarde, de modo algum, seria igual às outras tantas tardes. Pedro, ao pegar a sua tralha, sentiu uma forte sensação de felicidade invadindo-lhe a alma; sem mesmo saber por quê, abraçou a mulher como há muito não fazia, um abraço quente de desejo, o mormaço do corpo dela foi, aos poucos, aquecendo-lhe o sangue. Centímetro por centímetro, aquela deliciosa febre foi percorrendo suas veias, fazendo desabrochar um desejo há muito esquecido. Olhou-a, amoroso e demoradamente, e a viu bela e jovem, como não se lembrava de a ter visto em momento algum da vida. Porém, aquele lampejo de felicidade inundava-lhe a alma; sentia-se eternamente jovem, como se o tempo e vicissitudes da vida nunca houvessem passado por ele, e a mulher continuasse virgem e bela como no primeiro dia. Amaram-se freneticamente, num total abandono de corpos e sentidos... Isso tão feliz o deixara, que chegou a pensar: "Se hoje tivesse de morrer, com toda a certeza morreria feliz".

A felicidade, em si, não passa de pequenos lampejos que deixam dentro da alma uma grande sensação de vivência, transbordando os sentidos e dando nova razão à própria vida.

A última vaga da arrebentação fora vencida, agora o mar aberto o esperava. À frente, o escuro da noite, quebrado apenas pela pequena chama da lamparina de acetileno, fazia aumentar sua expectativa. A pesca dessa noite teria de ser especial, toda de acordo com a sua felicidade, rica e abundante; assim, pensava:

tão logo vendesse o pescado na lota, compraria na feira um vestido para ela. Sorriu ao pensar em como iria ficar bela... Fechou os olhos prazerosamente, e no pensamento a sua imagem desnudando-se lentamente, deixando aparecer, a cada peça tirada, as formas redondas e belas, sempre encobertas pelos vestidos velhos e sem graça. E pensou em como era bela com aquele jeito de moleca travessa, que só lhe fizera acentuar a paixão, uma paixão avassaladora que só veio abrandar ao fim de muitos anos de vida em comum. Porém, passados os primeiros tempos, em que tudo é novidade e desfeitos são os mais românticos sonhos, sobejam os problemas: é a constante falta de dinheiro, são as pequenas rugas, é a vontade de ser livre que brota do fundo da alma tentando quebrar as amarras. Problemas que nos tempos áureos teriam sido resolvidas entre carinhos e beijos, mas que no presente tornavam-se, a cada dia, mais difíceis, e poucas vezes eram resolvidos a contento.

Fazia tanto tempo que a conhecera que sequer se apercebera do passar do tempo; eram então muito jovens, naquela doce inseqüência da juventude, quando julgamos que jamais chegaremos à velhice. Todavia, o tempo passara implacável, deixando atrás de si um rastro de desilusões e frustrações. A dura realidade vai tomando conta dos amantes, deixando a vida cair na letargia do dia-a-dia, e nem o que sempre os tornara tão felizes surtia mais efeito. Mas, naquela tarde, era como se houvesse retornado ao passado, quando a paixão dominava todos os problemas, importando, tão somente, o prazer de estarem juntos.

A espessa camada de nuvens retardara a chegada da Lua, cujos raios prateados foram, aos poucos, dominando a escuridão, manchando de prata o espelho de

água. Atento, o homem procura vislumbrar, nas profundezas, o cardume de sardinhas, que nas noites de luar sobe à superfície, procurando misturar os raios argênteos da Lua com a prata de suas escamas. É nessa altura, quando todo o cardume está praticamente à distância dos dedos, que irá esticar a rede, fechando-a em torno do cardume, como uma enorme panela. Sentia-se imensamente feliz e a noite prometia ser gloriosa! Vai ser tanto o pescado que o seu pequeno barco retornará com a borda abaixo da linha de água.

Agora a Lua totalmente desimpedida brilha bem acima de sua cabeça, e os seus olhos atentos procuram o cardume da sua sorte.

Novamente o pensamento voa à sua casa, e vê aquela que o espera dormindo, em abandono, sobre a cama; o lençol caído aos seus pés e o corpo simplesmente coberto com uma camiseta, deixando transparecer as formas, ainda viçosas, fazendo reacender o desejo. Apesar de todas as brigas e problemas, ainda a amava, e como a amava! Estava certo que ultimamente viviam discutindo, que o entendimento entre os dois era cada dia menor, já tivera até vontade de sair de casa, mas o que podia fazer? Ainda a amava muito, um amor que nem mesmo sabia explicar.

O cardume que esperava estava demorando a chegar, e a Lua, agora bastante alta, refletia nas águas mansas o seu enorme disco, irradiando sua diáfana luz em todo o redor.

O tempo estava passando e já era para as sardinhas estarem prisioneiras da sua rede. Nunca, em noite de Lua Cheia, seu barco voltara vazio, e hoje isso também não poderia acontecer, era só ter um pouco de paciência. Logo a mancha prateada surgiria no mar, trazendo junto a realização dos sonhos. Sonhos sim-

ples, como simples sempre fora a sua vida, e sonhou que com o dinheiro apurado na venda iria comprar-lhe o vestido. Chegaria com o embrulho escondido para a surpresa, e iria deliciar-se vendo-a desembulhando o pacote. Já podia até escutar o grito de alegria ao descobrir a prenda.

Um vento frio, vindo do sul, fê-lo estremecer. Olhou o céu. Bem ao longe uma nuvem negra estava se formando, e notou que o mar de azeite começava a se agitar, encarapelando aqui e acolá uma pequena vaga. Olhou ao redor, onde se refletia o luar, procurando o cardume que não vinha. Por fim, à cerca de duzentos metros de onde se encontrava, uma mancha prateada movimentava-se ao sabor das ondas, vinha em sua direção. Pegou silenciosamente os remos e, firme, foi impulsionando o bote para perto dela. Demorara mas chegara, por fim. Agora era só uma questão de tempo para que grande parte daquelas sardinhas tornassem realidade o seu sonho.

Em poucos minutos, começou a faina de lançar ao mar a rede, com o coração transbordando de felicidade. Viu que o cardume se estendia por toda a parte, estava sob o barco, ao seu redor. Por todo o lado a luz da Lua refletia nas escamas das sardinhas, transformando o mar numa enorme bandeja de prata.

Naquele frenesi e entusiasmo de capturar toda aquela prata viva, não percebeu que o vento vindo do sul estava agora mais forte, tampouco o aumento das vagas, que faziam balançar o pequeno batel sobre as ondas. Estava por demais compenetrado na faina; os peixes eram tantos que a rede não dava conta, e muito menos o barco.

Uma vaga mais forte fê-lo perder o equilíbrio, por pouco não o jogando ao mar. Só aí percebeu a mudan-

ça do tempo. Às pressas, recolheu a rede e preparou-se para voltar. Todos os compartimentos para acondicionar a pesca estavam cheios, e a sobra estendia-se pelo fundo. Estava orgulhoso! Desde que saíra de casa, sabia que aquele dia seria especial. Ligou o pequeno motor de popa e aprumou a proa para a terra. Em pouco tempo estaria à vista o facho intermitente do farol, anunciando a proximidade da praia.

Agora o mar jogava-o para todos os lados; a custo conseguia manter o rumo. Olhou o céu, a Lua encoberta pelas pesadas nuvens... mal dava para perceber a sua localização. Estimou que já deveriam ser umas quatro horas da manhã, se não fosse mais. O barco, muito pesado, permitia a passagem, pela amurada, de uma ou outra onda um pouco mais forte, o que contribuía para aumentar o peso, tornando as manobras ainda mais difíceis. De tempos em tempos enchia baldes com água e sardinha e despejava borda afora. Todavia, aumentava a fúria das águas! Chegaria um tempo em que não mais seria possível impedir a inundação.

Seus olhos ansiosos procuravam, na escuridão, o lampejo do farol salvador. Supersticioso, como todo homem do mar, benzeu-se, implorando aos céus proteção. Depois, pensou na mulher, na tarde deliciosa que passara com ela. Ficou sem saber se aquela tarde fora um prêmio de Deus àquele que já estava destinado à morte, ou um castigo para toda a sua falta de fé. Em pensamento foi relembrando todos os rosários e ladainhas cantados durante as longas novenas de sua mãe quando seu pai, também pescador, partia para a faina da pesca, até que um dia não mais voltou.

"Será que ela está neste momento rezando por mim?", perguntou-se. "Com certeza acordou com os trovões e, vendo a tempestade, deve estar ajoelhada

junto à Virgem de Nazaré, rezando pela minha segurança."

Esse pensamento enche-o de coragem, e, com a força que só o desespero consegue, foi enchendo o balde de água e despejando borda afora.

Nessa luta, mais da metade das sardinhas do fundo do barco haviam voltado aos domínios de Netuno. Mas os porões de pesca ainda estavam cheios, e ainda daria para comprar um círio da sua altura para levar ao alto do penhasco e pagar a promessa. E, com sorte, comprar o vestido que ela tanto estava merecendo.

Maria. Esse era o seu nome, como Marias são todas as mulheres do povo que vem ao mundo com o firme propósito de perpetuar a espécie, sem maiores ambições aparentes, mas que no fundo da alma sempre alimentam a esperança de uma doce quimera ou, quem sabe, de um amor fantástico.

Fazia tempo que estava acordada, de pé, olhando pela pequena janela sem vidros. Tentava vislumbrar através da escuridão o pequeno bote do seu homem. Estava impassível de tanto esperá-lo. Foi-se acostumando, porém nem sempre fora assim. Houve um tempo em que essa espera a deixava aterrorizada só de pensar que Pedro poderia não voltar... Então rezava, pedia à Virgem dos Rochedos pela sorte do seu amor. Depois, a expectativa e a ansiedade foram dando lugar à espera simples e cotidiana, e a preocupação da Maria cedendo lugar à impassibilidade.

Não conseguia atentar por que naquela noite tinha tanta preocupação. Tantas foram as noites que passara sem sequer se lembrar da sua existência, que só acordava quando Pedro chegava carregando a tralha e o pescado do dia. Só assim se levantava pa-

ra fazer-lhe o parco café enquanto ia limpando os peixes. Porém, naquela noite não conseguira desviar o pensamento. A todo momento via seu homem lutando contra as vagas, tentando manter o pequeno barco flutuando. Depois uma vaga mais forte fazia-o soçobrar, e o silêncio da noite, entrecortado pelo uivo do vento, cobria de vazio a noite e a mente.

Naquela tarde, antes da partida de Pedro para o mar, Maria teve um sobressalto, um negro pressentimento ocorrera-lhe quando o vira tão feliz. Talvez por isso abandonara-se à totalidade dos seus desejos e até participara daquele pequeno instante. Se algo viesse a acontecer não queria ficar com remorsos.

Há muito estava desgostosa com a vida que levava, mas o que fazer? Era só o que lhe restava, e cada dia passado era só a contrariedade de não ter nada do que mais desejara. Os sonhos de menina haviam se perdido no constante passar dos dias, as doces paixões da adolescência foram dando lugar ao desinteresse e à monotonia, e hoje era como tantas outras Marias, aguardando seus homens na volta da faina, de olhos perdidos no horizonte à espera de um milagre. De vida ou de morte.

Estava cansada de tanto esperar, sem ter qualquer perspectiva, vendo seus sonhos de menina se desvanecendo, um a um, sentido o peso dos anos tornando a pele flácida e sem brilho e o ventre seco que sempre lhe negara o fruto. Todavia, todos os meses reclamava uma prenhez que nunca acontecia, deixando-a inquieta e nervosa, e quando o seu homem chegava com o Sol bem alto, após uma noite de luta, sequer tinha tempo e menos ainda vontade de olhar para a sua figura. Deitava-se e dormia o sono dos justos e dos cansados.

À noite, depois de Pedro seguir para o mar, Maria, desnuda, olhava-se demoradamente no espelho da cômoda, passando lascivamente as mãos pelo corpo, tentando vislumbrar os motivos do desinteresse de Pedro. As fantasias corriam livremente, algumas vezes puras e ingênuas, com requintes de princesa adolescente; outras, lascivas e eróticas, povoadas de prazeres inconfessáveis e pecaminosos. Mas todas eram o motivo de sua insatisfação, insatisfação que nem mesmo sabia dizer por quê, mas que estava lá, bem cravada no fundo da alma.

Noite após noite, ansiosa, revolve-se na cama sem conseguir aquietar a alma, tão somente fazendo aumentar a frustração de uma vida vivida a contragosto.

Naquele viver por viver, destituído de qualquer diversão, sua vida tornara-se um verdadeiro inferno, que ia desde o levantar até o deitar, naquela cansativa faina da casa, em que o mourejar é sem sentido e terrivelmente enfadonho, e as horas, pasmaceiras, passam numa lentidão enervante, destruindo a vontade própria, tornando o corpo indolente e a mente torpe.

Olhando a negritude do horizonte, sem mesmo saber por quê, uma oração veio-lhe à mente e, enquanto rezava em voz baixa, ia olhando para a praia, tentando vislumbrar, no escuro da noite, o barco de Pedro. Talvez, mais pelos anos de vida em comum do que pelo amor ou qualquer outro sentimento, Maria sentiu o quanto ele lhe faria falta se não pudesse sobreviver àquela tempestade.

Agora, os primeiros raios do alvor vão surgindo no meio das trevas. Maria ainda olha atentamente para a praia, vendo as fortes ondas arrebitarem sobre ela, esperando, nesse vaivém constante, surgir o barco de

Pedro. Um arrepio percorre seu corpo, fazendo-o estremecer, os braços cruzados sobre o peito tentam protegê-lo do frio da madrugada enquanto as mãos vão esfregando os ombros, na tentativa de aumentar a circulação do sangue.



Lá fora, a vida continua como se nada tivesse acontecido, as pessoas vão saindo de suas casas para os primeiros afazeres do dia. As crianças, alegres, saem de casa a caminho da escola, carregando em suas bolsas os sonhos e as esperanças de toda uma vida ainda não vivida, que sequer sabem se viverão.

Os turistas vão chegando, primeiro isoladamente, carregando a cadeira de praia e a toalha debaixo do braço. Depois, chegam em bandos, ruidosos e espalhafatosos, carregando os bornais de comida e arrastando atrás de si um bando de crianças que correm até a água para molharem os pés, enquanto as mães, esgoelando-se desesperadas, tentam segurar a prole, mantê-la aninhada e comportada ao seu redor. Os rapazes, para se fazerem notar pelas jovens senhoritas, fazem malabarismos e dão mergulhos espetaculares, enquanto que as meninas usam diminutos biquínis que realçam o arredondamento das formas.

Um madeiro, que antes fora a proa de um pequeno barco, chega à praia, arrastado pela correnteza das vagas, e melancolicamente vai-se enterrando na areia. Apesar da praia estar agora cheia de gente, poucas pessoas notaram a sua presença.

Assim, a vida vai continuando em seu eterno caminhar, alheia a alegrias e tristezas, sem dramas, sem choros e sem qualquer emoção, mas persistindo a teimosia de continuar vivendo.

ESPEDITO PINHEIRO DE SOUZA

O PARLAMENTARISMO (A grande reforma política para o Brasil que não aconteceu)

1. Considerações Iniciais

O País atravessa uma grande e prolongada crise, pela qual o atual sistema de governo — o Presidencialismo — é o maior responsável.

O pior é que o eleitorado brasileiro, por desinformação, perdeu a grande oportunidade de ter mudado essa situação calamitosa, vez que no dia 21 de abril de 1993, próximo passado, com a realização do plebiscito, poderia ter optado pelo sistema parlamentar, o que teria sido a grande alternativa para ter dado ao Brasil o que ele nunca teve até hoje, pois, com o Presidencialismo, praticado entre nós há mais de um século, tivemos uma sucessão de governos fortes mas que não resolveram os problemas brasileiros.

Continuamos como povo de terceiro mundo e no subdesenvolvimento total, próprio de um regime de governo que não funciona bem em qualquer lugar do mundo, com exceção dos Estados Unidos da América, porque as condições econômicas e sociais desse País são muito diferentes em relação aos demais que implantaram tal sistema.

2. Que é Parlamentarismo?

2.1. CONCEITO — É um sistema de governo em que a chefia do Poder Executivo deve ter o apoio da maioria do Parlamento e é substituída se perder esse apoio.

2.2. NOÇÕES BÁSICAS — Parlamento é a assembléia de representantes do povo que exerce o Poder Legislativo. Pode ser denominado Parlamento mesmo, como na Inglaterra, onde teve a sua origem, Assembléia, como na maioria dos países da Europa, ou Congresso, como no caso do Brasil e Estados Unidos. *Observação:* Tanto no Parlamentarismo como no Presidencialismo os sistemas se baseiam na divisão do poder do Estado entre o LEGISLATIVO, o EXECUTIVO e o JUDICIÁRIO. O Legislativo faz as leis, autoriza a cobrança de impostos e os gastos públicos e fiscaliza o Poder Executivo.

O Executivo tem o controle direto da "máquina administrativa" do Estado, incluindo as forças armadas, a polícia e toda a rede de ministérios, repartições públicas, empresas e serviços públicos.

O Judiciário arbitra, de acordo com a lei, os conflitos em geral, incluindo também entre os demais poderes estatais. Vale ressaltar que a divisão do poder estatal é a maior garantia da liberdade dos cidadãos. Quando todo o poder do Estado se concentra nas mãos de um só indivíduo ou grupo, não há liberdade, nem Constituição, pois acaba se

transformando em tirania, ainda que esse indivíduo ou grupo seja eleito pela maioria da sociedade. Com o poder dividido em várias funções (órgãos) independentes e harmônicas entre si, cada um controla a atividade do outro e, em conjunto, eles possibilitam o controle do Estado pela sociedade. É o chamado sistema de freios e contrapesos, que os americanos denominam "*checks and balances*".

3. Por que o Parlamento para o Brasil?

Vamos, a seguir, apresentar ao leitor algumas das diferenças básicas entre o Parlamentarismo e o Presidencialismo, objetivando demonstrar que, caso tivesse sido implantado no País, a crise política atual já estaria superada, vez que nesse sistema de governo a solução das eventuais divergências entre o Poder Executivo e o Parlamento ocorre rapidamente, sem golpes de Estado e/ou arranhões na Constituição. Senão vejamos:

3.1. Características principais dos dois sistemas:

3.1.1. PRESIDENCIALISMO — EXECUTIVO — Quem chefia — O Presidente da República, auxiliado por ministros ou secretários de Estado. Como é escolhido — O Presidente é eleito por voto, direta ou indiretamente, e escolhe ministros ou secretários de sua confiança. Como é destituído — O Presidente tem mandato fixo. Só pode ser destituído legalmente atra-

vés de um impedimento votado por dois terços do Parlamento — o chamado impeachment. Os ministros, individualmente, podem ser demitidos a qualquer momento pelo Presidente.

- 3.1.2. PARLAMENTARISMO — EXECUTIVO — Quem chefia — O Gabinete ou o Conselho de Ministros chefiado pelo Primeiro-ministro. O Presidente da República tem funções de Chefe de Estado, com poderes limitados. Como é escolhido — O Primeiro-ministro é: a) indicado pelo Presidente dentro do partido que tiver maioria no Parlamento; b) eleito pelo Parlamento. Ele escolhe os demais ministros. O gabinete e seu plano de governo devem ser aprovados pela maioria absoluta do Parlamento. Como é destituído — O Primeiro-ministro e seu Gabinete não têm mandatos fixos. Podem ser obrigados a se demitir por uma maioria absoluta do Parlamento. Os ministros, individualmente, podem ser demitidos a qualquer momento pelo Primeiro-ministro.

- 3.1.3. PRESIDENCIALISMO — LEGISLATIVO — Como é destituído — Deputados e Senadores só perdem os mandatos se forem condenados por crime ou ofensa ao decoro parlamentar e cassados por decisão da maioria absoluta dos seus pares.

- 3.1.4. PARLAMENTARISMO — LEGISLATIVO — Como é destituído — O Presidente pode dissolver o Parlamento se este não compuser uma maioria estável para apoiar o Gabinete. Eleições para um novo Parlamento são convocadas imediatamente.

4. Mecanismos de Funcionamento de Ambos os Sistemas

- 4.1. Mandatos flexíveis versus mandatos rígidos — Convém marcar bem essa diferença, porque vamos constatar que ela é fundamental.
- 4.1.1. No Parlamentarismo, os mandatos são flexíveis. Os mandatos dos deputados têm a duração máxima prevista na Constituição, que no caso brasileiro é de quatro anos. O mandato do Primeiro-ministro, que é chefe de governo, em tese termina junto com o dos deputados. Todavia, devemos lembrar que ambos podem ser encurtados em caso de dissolução da Câmara ou moção de desconfiança contra o Gabinete. E isso não é necessariamente um caso excepcional, como um crime e castigo, mas a solução normal de um impasse político entre o Poder Executivo e Legislativo.
- 4.1.2. No Presidencialismo, por outro lado, os mandatos são rígidos. Tanto o Presidente da República como os depu-

tados e senadores podem ser destituídos legalmente, mas só em casos excepcionais, isto é, na hipótese de cometerem crime no exercício da função e forem julgados culpados. O Presidente por dois terços do Poder Legislativo, os deputados e senadores pela maioria absoluta dos seus pares. Trata-se da possibilidade do impeachment.

4.2. A função do presidente da república no Parlamentarismo e no Presidencialismo:

No Parlamentarismo, as funções de Chefe de Governo são do Primeiro-ministro e de Chefe de Estado são do Presidente da República e/ou Rei.

Já no Presidencialismo, ambas as funções são exercidas pelo Presidente. Daí ele ter um excesso de poder de mando, na maioria das vezes, autoritariamente, o que se denomina, na doutrina, hipertrofia do Poder Executivo. Aliás, isso sempre ocorreu em nosso País.

Observação: Nas monarquias parlamentaristas de hoje, o Rei e/ou Rainha não têm de fato nenhum poder. Diz-se freqüentemente "que eles reinam mas não governam". Como Chefe de Estado, que tem funções somente cerimoniais. Ele (Rei e/ou Rainha) é um símbolo da unidade e da continuidade da Nação, e a representa em solenidades (por exemplo: recebendo Chefes de Estado e Delegações Estrangeiras). É interessante notar que nas repúblicas parlamentaristas o Presidente po-

de não ter poder algum, vai depender do sistema eleitoral e o disposto na Constituição do País. Por exemplo: quando ele (Presidente) é eleito indiretamente, como na Alemanha, em geral também só tem funções cerimoniais. Quando é eleito por voto direto, como em Portugal, tem uma liderança política maior, que lhe dá mais influência sobre as questões de governo.

4.3. Que acontece se o Parlamento rejeitar o nome do Primeiro-ministro indicado pelo Presidente?

Nesse caso, o próprio Parlamento deve eleger um Primeiro-ministro por votação da maioria absoluta, ou seja, metade mais um dos seus membros. Todavia, se nenhum candidato a Primeiro-ministro conseguir a maioria absoluta dos votos, o Presidente da República e/ou Rei pode dissolver o Parlamento e convocar novas eleições. Vale notar que esse mecanismo de funcionamento é fundamental, pois a responsabilidade passa, em grande parte, para o eleitorado.

4.4. Qual é a função do Senado Federal no sistema parlamentar de governo? Ele também pode ser dissolvido?

Atentem bem para a seguinte situação. Nos sistemas bicamerais, que possuem uma Câmara dos Deputados e um Senado Federal, somente a Câmara vota para confirmar, eleger ou destituir o Gabinete. O Senado Federal tem funções secundárias, ou seja, en-

quanto a Câmara representa o Povo, o Senado representa apenas as unidades federadas (os Estados-membros) nas federações, já que nos Estados unitários praticamente não teria qualquer função. No caso brasileiro, o Senado se limita, em geral, a revisar as leis vindas da Câmara Federal, aprovando-as, emendando-as ou rejeitando-as. Por isso, só a Câmara pode ser dissolvida, o Senado não, já que a responsabilidade de dissolução é a contrapartida do direito de escolher ou destituir o Gabinete.

4.5. Quem pode ser ministro no Parlamentarismo?

Em regra, só os membros do Parlamento podem ser, especialmente os oriundos do partido majoritário que dará sustentação ao governo. Em alguns países, como a Inglaterra, é assim. Em outros da Europa, como Portugal, os ministros não precisam ser necessariamente membros do Parlamento. Mesmo nesses casos, porém, a tendência é que o Primeiro-ministro e a maioria dos ministros saiam do Parlamento, até porque é ele quem os escolhe.

5. Feitas essas considerações, é importante enfatizar que o funcionamento do sistema parlamentar de governo é fortemente influenciado nas relações dos poderes governamentais, notadamente do Poder Legislativo na construção do Poder Executivo. Senão vejamos:

5.1. A construção parlamentarista baseia-se na unificação, na interdependência ou, pelo menos, numa separação menos rígida entre os referidos poderes. O poder está no Parlamento. O Parlamento é um corpo que inclui o governo. A assembléia, ou seja, o corpo de representantes, transforma-se num Parlamento. O Poder Executivo é dividido: existe um Chefe de Governo, que é o Primeiro-ministro, como já acentuamos anteriormente, e um Chefe de Estado, que é o Presidente e/ou Rei, dependendo da forma de governo: República ou Monarquia.

5.2. O Chefe de Governo depende sempre da existência de uma maioria no Congresso, vez que é formado a partir dessa maioria.

5.3. Dessa forma, as condições de governabilidade estão dadas, já que a harmonia entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo é de fundamental importância. Vale acentuar que, na eventualidade de acontecerem repetidas dificuldades de formação de maioria que sustente um gabinete ministerial, o Parlamento poderá ser dissolvido. Desse modo, há estímulos estruturais que garantem a cooperação entre os dois poderes estatais.

5.4. Como já afirmamos, no Parlamentarismo qualquer crise governamental tem pouca chance de se transformar em uma grande crise de regime, já que há mecanismos institucionais em funcionamento para a mu-

dança do Chefe de Governo — O Primeiro-ministro e demais ministros —, bastando para isso o voto de desconfiança do Parlamento. A flexibilidade do sistema manifesta-se nessa sua capacidade de produzir alterações rápidas para a solução das crises políticas.

- 5.5. Essas características do sistema parlamentarista de governo, em geral, não podem esconder variantes importantes no seu interior. A nosso ver, a principal distinção entre alguns tipos de Parlamentarismo não está entre aquela de uma Monarquia Constitucional e o Parlamentarismo, ou seja, a diferença central não se refere às situações em que o Chefe de Estado é um Rei ou um Presidente. Mesmo porque, segundo Maria Teresa Sadek, ilustre professora de Ciência Política da USP, há consideráveis diferenças entre as várias monarquias parlamentares. Para citar um exemplo, o Rei da Espanha tem mais poderes do que a Rainha da Inglaterra.
- 5.6. Ainda na visão de referida professora, um critério decisivo entre as variantes do sistema parlamentar de governo está nos mecanismos de constituição do governo, ou seja, na forma como se elege o Chanceler ou o Primeiro-ministro. Um fator importante de variação está na relação do Congresso com o sistema partidário e eleitoral. Há democracias, isto é, repúblicas parlamentaristas com sistema pluripartidário e bipartidário. A relação do sistema de governo com o sistema

de partidos tem se mostrado uma variável de extrema importância, sobretudo quando se comparam as chances de consolidação democrática nos dois casos, conclui a autora citada.

- 5.7. Assim, genericamente falando, a relação que se estabelece entre o Poder Legislativo e o Poder Executivo (Parlamento e Governo) é que define o regime do governo vigente em determinado País. O elemento essencial do sistema parlamentar de governo do continente europeu, de modo geral, é a responsabilidade do governo perante a Câmara, sendo que no Parlamentarismo britânico a atuação dos partidos políticos modificou a relação para tornar a responsabilidade política de natureza eleitoral, e não apenas parlamentar.
- 5.8. Todavia, já no regime Presidencial, o sistema de partido torna mais flexível as relações entre o Presidente e o Congresso, concorrendo para atenuar as dimensões do Poder Presidencial, principalmente no regime pluripartidarista. Por outro lado, o sistema bipartidário e o sistema de partido tendem a favorecer a concentração dos poderes presidenciais.
- 5.9. No Brasil, como é do conhecimento, vigora o regime do Presidencialismo puro, tendo, contudo, a Constituição Federal de 1988 fortalecido o Poder Legislativo. Na busca de re-

cuperação do equilíbrio entre os dois poderes estatais, muito prejudicados até então, as atribuições do Congresso Nacional foram ampliadas, e pode-se dizer que, hoje, o nosso Presidencialismo é mitigado. Como reação à hipertrofia do Poder Executivo, a nova Constituição colocou diversos dispositivos com os quais se buscava o controle do governo, sem que se chegasse, no entanto, como era esperado, a um sistema parlamentar de governo, que ainda defendemos e esperamos que ocorra em nosso Brasil.

6. Conclusão

- 6.1. Como já enfatizamos nos itens precedentes, o sistema parlamentarista de governo, praticado na maioria dos países democráticos e desenvolvidos, é, em nosso entendimento, uma condição necessária para que, a médio prazo, possamos refazer as condições de governabilidade em nosso País.
- 6.2. É mister que se diga, porém, que muitos ajustes precisam ser feitos, não só na perfeita atuação dos poderes, no fortalecimento dos partidos políticos, mas também na boa formação da consciência eleitoral dos brasileiros. Aliás, o fator determinante para o progresso social de qualquer povo é a conscientização, um modo distinto de pensar, sentir e agir.
- 6.3. De qualquer forma, não basta estar conven-

cido da superioridade do sistema parlamentar de governo, que ainda é viável entre nós, e dos problemas negativos do Presidencialismo. Precisamos discutir com toda a sociedade sobre a importância e a possibilidade de implantarmos o Parlamentarismo no Brasil, por via de plebiscito ou referendo popular, já que o insucesso ocorrido em abril de 1993, por absoluta desinformação do eleitorado, não pode enterrar de vez o direito inalienável do povo de mudar, a qualquer momento, a sua Constituição, se assim o desejar.

- 6.4. Portanto, conclamamos a todos para irmos à luta em busca de algo melhor — via Parlamentarismo — para tentarmos resolver os problemas do Brasil, melhorando, assim, as condições de vida da nossa população, e temos esperança e certeza de que isso vai acontecer.

Bibliografia

- SERRA, José. *Reforma Política no Brasil — Parlamentarismo x Presidencialismo*. 3ª edição. Siciliano, São Paulo, 1993.
- BOITO, Armando (org). *Parlamentarismo e Presidencialismo — A Teoria e a Situação Brasileira*. 1ª edição. Paz e Terra, São Paulo, 1993. (Ciclo de Debates USP).
- SOUZA, Espedito Pinheiro de. *Lições de T.G.E*, 5ª edição. Sponte Sua, São Paulo, 1995.

GASPARINO JOSÉ ROMÃO

MISANTROPIA

Solitário, sempre absorvido no trabalho, ensimesmado em pensamentos de mistérios, engolfado em idéias abstratas, era assim que ele era encontrado nos seus momentos.

Falava pouco — só o estritamente necessário —, e até aos companheiros de trabalho dava a aparência de ser isolado das coisas, sem participar do conjunto que o rodeava, distante do mundo coletivo que revolteava em seu redor.

Jamais recusava cumprir as ordens recebidas, e realizava-as sem qualquer oposição.

Se não se sobressaía dentre os demais colegas de trabalho, mantinha-se eqüidistante deles quando algum assunto discutiam, alheios ao labor quotidiano, e este lhe dizia respeito.

Era equilibrado na realização do que lhe cumpria, portando-se como o aparentemente conformado, porém, no fundo, revoltado, o que se presumia pelas atitudes ante os acontecimentos do dia-a-dia.

Se lhe perguntassem algo sobre um assunto qualquer, sempre o decepcionante quão inesperado do sem resposta positiva era de se aguardar, como ponto de vista que dele se esperava receber.

Enigmático, silencioso, sorumbático, fechado no insondável e mais irreconhecido mistério, procedimento que, para se falar francamente, não encontrava explicação no meio em que ele vivia.

Morava sozinho em uma pequena casa alugada, e, para de ninguém depender, fazia sua própria comida

e a limpeza da casa. Lavava a roupa, que, por sinal, era a mais limpa e melhor cuidada dentre os colegas de trabalho.

O seu estado de 'misanthropia criou-lhe em torno um certo afastamento dos demais, a tal ponto de não ser lembrado a participar de qualquer ação ou evento que os colegas se dispusessem a realizar no campo social, o que fazia surgir as mais disparatadas interpretações e, até mesmo, lendas a respeito dele e dos seus hábitos, enfim.

Jamais alguém o vira sorrir, e aquele misterioso silêncio emprestava-lhe certo aspecto de tristeza e distanciamento, embora ele não se furtasse a atender os apelos que lhe fizessem para participar e contribuir com as coletas de benefícios nas campanhas beneficentes, quando as entendesse justas ou caridosas.

Nunca se soube donde viera. O certo é que ele chegara um dia num trem de cargas, para trabalhar no serviço de manobras no pátio de operações da estrada de ferro, removido lá das bandas do Triângulo Mineiro, de uma estação qualquer.

Para trás ficara soterrado, nos escombros do mistério, o seu passado, que ele não ousava desvendar, mas que haveria de permanecer abstraído nas teias de um apagado escrito que o tempo, cuja cavalgada não tem volta, se encarregara de apagar.

Na obsessão de não difundir o passado, trancara-lhe as portas e os grilhões, para não os reabrir nunca mais, até que se desvanecesse insolúvel a curiosidade dos que quisessem perscrutar.

À míngua de conhecimentos mais consentâneos ante aquele silêncio quase tumular sobre o passado de um homem mais que discreto, os espíritos mesquinhos começam a espalhar boatos os mais desencontrados. E,

mais uma vez, a aleivosia esteve a ponto de encontrar guarida entre os mais acanhados de memória, que são quase sempre a maioria sujeita à oscilação da boataria que lhe adeja ao redor. Começaram a difundir o boato de que ele era lobisomem. Alguém disse mesmo tê-lo visto a sondar o galinheiro de uma casa da cidade. Esta é a índole do povo, e o sem-instrução chega às raias da sem-cerimônia de criar fantasias e dar-lhes cores e vida.

O Estado de Minas, o meu Estado natal, é rico em lendas e causos que, sempre contados como reais, enriquecem o folclore da nossa terra e, conforme as pessoas que os contam, são tidos como verdadeiros, passando a integrar a realidade mineira. A ninguém adianta desmentir a estória.

Lá em Minas temos lobisomem, mula-sem-cabeça, bruxas, fantasmas, assombrações de todos os tamanhos, almas penadas e diabos dos mais diversos calibres, que vivem a atormentar as noites da minha terra e as consciências dos renitentes pecadores; isso sem se contarem outros tantos.

Quase todo mundo já viu um desses espectros, ou, se não viu, cansou-se de ouvir contar-lhes a respeito, e passou adiante, aumentada, a visão do que se falou.

Pois bem, falemos de um desses avejões, que é conhecido lá pelos rincões do meu Estado, principalmente no sul.

Segundo a lenda, o lobisomem é um homem marcado pelo destino, que tem a sina maculada por algum pecado qualquer dele ou dos ancestrais, e é condenado a expiar.

Em certas épocas, segundo a lenda (na Semana Santa, principalmente, ou nas sextas-feiras da Qua-

resma), metamorfoseia-se em lobo ou outro animal qualquer e fica visitando os galinheiros para se fartar com os dejetos das galinhas.

Ele é um homem como os demais, porém transforma-se em um tipo por demais estranho, que não se enquadra no contexto da sociedade em que vive. Mas, convivendo no meio, embora nele não se imiscua, a seu modo, procura ser participante das atividades gerais. Lá nas plagas sul-mineiras o lobisomem é por demais conhecido e contado nas estórias da nossa gente.

Não havendo jamais visto um deles, ouvi, contudo, muitas estórias a respeito, que até hoje povoam a minha memória, e eu posso, parafraseando os espanhóis, repetir com eles: "*Jo no creo en los trasgos, pero que los hay, hay*".

Fato notório que não chega a ser credice, porém parte à parte da religião, pelo respeito que se lhe devota, é a existência de cruzeiros às margens das estradas e caminhos como marcas de respeito à memória de pessoas que ali foram encontradas mortas. Nessas cruzeiros, ao pé, o viandante, em sinal de respeito, persigna-se, coloca flores e reza alguma prece. Não raro são encontradas ali imagens de santos quebradas, pois é costume colocar-se ao pé de cruzeiros a imagem de um santo que foi quebrada. Além disso tudo, ainda não raro restos de velas que foram acesas ou ali colocadas a se queimarem em respeito a crenças inapagadas, tabus que não se esvaíram da memória, preservados no desvendar dos tempos ensinados como tradição desde os nossos ancestrais.

Essa tradição, contudo, o mineiro não carrega consigo como um troféu, "anda com ela ao lado, na maior naturalidade", no dizer de Raquel de Queiroz (*O Estado de São Paulo* — Suplemento Feminini-

no, 17/18 de abril de 1999, pág. 2: "Minas e os mineiros").

Mas o mineiro é assim. Ele é sempre mineiro em qualquer lugar em que esteja; jamais se descaracteriza ou desvincula das suas origens, ao ponto de se julgar um desterrado ou exilado quando fora do seu Estado natal.

Ele sai de Minas em busca de progresso, de melhores dias, porém, nunca como emigrante, sempre com o propósito de voltar um dia, mas em condições de veras vantagens.

Conheci e conheço uma infinidade de conterrâneos que, oriundos do meu torrão, de lá saíram em busca de dias melhores, com o firme propósito de prosseguirem nos estudos e atingirem posições, e, nesse *desideratu*, vencer e ter até uma aposentadoria para, vitoriosos, retornarem à terra natal e gozar lá o merecido e sonhado descanso. Lá, eles vão se reencontrando para as recordações das lembranças que ficaram para trás, mas conservadas como relíquias no fulcro das recordações remotas.

Um deles, numa carta que me mandou um dia, descreveu-me o encontro com a sonhada felicidade, quando na sua viagem de volta, depois de todas as peripécias até a aposentadoria, pudera recompor o sonho perdido no passado, no refazimento de uma vida a dois, com a namoradina da juventude que, também com a cabeça agrisalhada, estava ainda lá para que se cumprissem as escrituras que eles haviam lido juntos, antes do passar dos tempos, na aurora da vida, para a realidade de agora, quando o crepúsculo já encobriu o sol, mas retém, como última esperança, alguns raios da sua cabeleira dourada.

Mas, a par dos que deixam a terra natal em demanda do progresso e da vitória em terras estranhas, há os que, vindos de outras, também vão para minha terra e fincam raízes. Lá trabalham e, do pouco que percebem pelo labor desempenhado, fazem a multiplicação dos pães para o cumprimento do mistério da vida. E são vencedores, pois na vida não apenas vencem os que amealham fortunas, mas os que, embora tenham apenas o necessário, com esse se contentam e vivem felizes.

Pois bem. Dadas as características do personagem atrás mencionado, logo se lhe atribuíram suposições as mais extravagantes, e não faltou mesmo algum mau-caráter a conjecturar a possibilidade de ser ele — embora empregado antigo da estrada de ferro — um desgarrado que estivesse fugitivo de algum misterioso sigilo, guardado no calado da alma, sem se o desvendar, permanecendo abscôndito aos olhos do mundo.

Contudo, de sua parte, ele ignorava tudo isso, ao ponto de exasperar os espíritos mesquinhos que quisessem estabelecer-lhe um padrão de julgamento, ou mesmo entender-lhe o procedimento tão discreto quão estranho.

Rigorosamente, cumpria o que lhe era determinado pelos escalões superiores, não se furtando completar o não realizado e deixado sem fazer pelos outros, contanto que os superiores lho determinassem.

Quando os boatos começaram a proliferar a seu respeito não teve dúvidas, e, procurando o chefe imediato, pô-lo a par da situação imprópria a que estava sendo submetido, reclamando providências imediatas para pôr cobro ao exame. O chefe, entretanto, respondeu-lhe que, não sendo assunto que dissesse respeito ao serviço da ferrovia, nada poderia ser feito, e que não

pretendia se imiscuir em quizilas particulares cuja solução apenas aos interessados dizia estar afeta.

Sem qualquer resposta ele se retirou. E imediatamente — era possuidor de certa cultura — fez uma carta aos seus maiores solicitando a remoção para outra cidade, expondo que o fazia em razão de motivos de conhecimento do chefe imediato. Tal fato, contudo, valeu uma interpelação vinda dos escalões maiores da ferrovia ao chefe da estação, determinando providências urgentes para a apuração das razões do pedido.

Como medida pessoal, concomitantemente, ele se dirigiu ao delegado de polícia local, solicitando interpelasse os afoitos boateiros, o que fez cessarem de imediato as aleivosias, as chacotas, os insultos e os maus-tratos que já estavam começando pelos integrantes da patota, que com ele trabalhavam no pátio da estação.

Bastaram essas providências e ninguém mais espalhou qualquer boato a respeito dele, que continuou no seu mutismo, afundado no silêncio cada vez maior do mistério sem resposta do seu introspectivo conviver consigo mesmo.

Muitas vezes o homem se isola, não participando dos acontecimentos circunstantes, mas quase sempre parte dele próprio aquele isolamento angustiante, porque não participa do contexto a que a vida está incessantemente a nos convidar.

Ele criara um mundo só para ele, e, no seu egoísmo, entendia que tudo devia girar dentro desse universo, impenetrável para o que evoluísse lá fora e inacessível a qualquer influência externa, sem saída para o que dentro pudesse evoluir.

ISABEL BORAZANIAN

TAGARELICE QUADRADA

Na rua a lua
Lançou meu querer
Na sala a fala
Engoliu minha ação
Os instrumentos tecnológicos
Nos mostram situações
A tudo se ouve
A tudo se vê
A tagarelice quadrada
É forma de distração
Passivamente a realidade acontece
Ativamente a falsa ilusão sobrevive
Ah! Que sufoco
Ah! Que alienação...

AOS FILHOS DA ARTE

São muitos os fluidos que nos fornecem a inspiração
Perceber e captar esses fluidos é trabalho da percepção
Onde a sensibilidade é a mola mestra
Traduzindo nossas impressões em expressões
Somos filhos da arte, enlaçados na onda do

bem-querer

Da arte sábia de quem acredita na vida
E na luz que nos envolve e nos move a crescer
Nossa existência é sinônimo de persistência
E crescimento interior
Não dá pra fugirmos daquilo que somos
Não dá pra negar ou ignorar a "voz do coração"

INSENSATEZ

A insensatez azucrina a crença
Homens dementes, dormentes
Alucinados, aloucados
Armam-se em atos
Levantam a bandeira de uma
Falsa moral
Retalham a justiça
Que por ironia perdeu o sentido
Rodou em utopia
Homens dementes, dormentes
Cegos e iluminados por falsa razão
Matam e morrem
Compondo a história
Marcando um século
Cheio de fome, guerras e destruição
A insensatez azucrina a crença
A tristeza pesa nos ombros
As pessoas passam sem passar
Olham-se e não se enxergam
Estão mortas e não sabem
Falta brilho, falta luz

Falta amor...



O tamanho da vida
Não tem tamanho
Não tem dimensão
Ultrapassa os limites dos sentidos
E não cabe na razão

IMPULSO

Venha meu verso varar a canção!
Venha com força, rodopiar sentimentos
Eternizar vibrações!
O verso versa um estado,
A alma reserva, se faz inversa
E perplexa pela emoção.

IMPRESSÕES

Lá vai a verdade
Rodando em momentos
Lá vem a saudade
Despertar sentimentos
Música, compasso, ritmo, canção
Energia fluindo, doce visão
Choros, tristezas, prazeres e alegrias
Meu corpo é meu verso
Minha alma é meu guia

PRIMEIRO AMOR

Hilariantes as pupilas dilataram-se
Registrando o compasso do coração
No registro sintomático, nada existiu de automático
Era a voz da emoção
Em sonhos mergulhou profundo
E as memórias de um mundo
Colocou-a em prazer
Seu sonho era tão caro
Tão caro seu sonho era
Que suspirou em quimera
Ressurgindo em tom de amor
Sua face rompeu infinitos
E o que sentiu de bonito
No sorriso estampou

SIMPLICIDADE

Você me olha
Eu te olho
Tudo nos toca em emoção
Você me vê
Eu te vejo
Com os olhos do coração

OS DOIS LADOS

As nuvens se agitam
As almas se abrigam
Na beleza natural
Que está no mar
Que está na terra
Que está no céu.

As imagens crescem
Diante dos sentidos
Onde a alma carregada de sensibilidade
Absorve a riqueza natural e se identifica.

A criação maior parece morar neste reino,
Os coqueiros acenam, penteados pelo vento.
Todos no mesmo sentido
E...
São fortes e frágeis.
São lindos!... São lindos!...
Mas...
Lá vai a esperança
Saltar nessa dança
Que é o nosso Brasil.
Brasil de anseios, misérias e utopias.
Lá se vão nossos sonhos
Na rabeira da democracia.
Transição doente, perseguições,
Proibições, injustiças, incoerências,
Indiferenças e mortes mil.

Cadê a democracia?
Cadê o Brasil?
Cadê os nossos sonhos?
Pátria mãe gentil,

Cadê a dignidade?
Cadê o Brasil?
Perdida na história, buscando seu rumo,
Lá vai a nossa luta
De frases no muro, prisões,
Injustiças, traições, folhetos impressos
No verso e no inverso,
Presos no querer,
Libertos na ilusão.
Lá vai a esperança
Perdida na dança.
Emendas — projetos — constituição.

Cadê a verdade?
Cansou de lutar?
Perdeu os sentidos?
Virou utopia?
Corroeu-se no tempo?
Não quer mais voltar?!

Cadê o respeito
Pela vida, pelo sentir, pela emoção?
Está trancado em gavetas?
Ignorado pela justiça?
Sufocado pela corrupção?

Cadê a democracia?
Cadê o Brasil?
Cadê nossos sonhos?

Pátria mãe gentil,
Cadê a dignidade?
Cadê a justiça?
Cadê o Brasil?!

ESPINHOS DE AMOR

Negócios malsucedidos fizeram o velho Esperidião, feito conde pela magnanimidade do Imperador Pedro II, deixar a metrópole com todas as suas belezas, comodidades e febricitante movimento, para montar fazenda de café nas planuras da Tapera Grande, lugar exaltado numa conversa que tivera com o conselheiro da coroa, João Crispiniano Soares, num encontro casual, no Palácio Imperial.

Os paulistas, pela sua tradição, pelo apego quase que fanático à liberdade, e por andarem metidos em democráticas campanhas de entusiasmar multidões, não só para expungir da nossa história a escravidão do negro na África caçado e para cá trazido, como para o alcance de uma mudança estrutural na política do país, exerciam um certo fascínio sobre o conde, embora magoasse-lhe o coração saber que um golpe republicano arredaria do trono o bom e já alquebrado monarca. Majestade que lhe reconhecera a fidelidade, posicionando-o entre os nobres. Estava resolvido a eliminar, de uma vez por todas, os sentimentos que o ligavam ao passado, para cogitar de uma só coisa: recomeçar a vida enquanto forças e ânimo lhe sobrassem para a tarefa. Mesmo porque título de nobreza pode dignificar um cidadão, mas não enche a barriga de ninguém. Tentava, com ajuizado vagar, esquecer a frase que adotara para simbolizar a sua desgraça econômica: "Preciso arrancar das minhas entranhas o espinho do fracasso que me levou à ruína". Porque espinho, na sua concepção, nunca foi coisa de bom agouro. Tudo,

agora, afigurava-se-lhe diferente. A adversidade o apanhara em plena maturidade, quando já começavam a esfumaçar as velhas energias.

Sorte sua escolher Generosa para esposa, tão amorosa e companheira, estreitamente afetivo que culminou com o nascimento da única filha com que Deus o bafejara.

Lucinda era um raio de sol a brilhar e aquecer todos os ambientes que freqüentava, num reflexo benfazejo sobre as pessoas com quem se relacionava. Estudara nos melhores colégios. Freqüentara o Paço de São Cristóvão, revolteando nos bailes reais com figurantes da nobreza, gente esnobe, emproada e emplastada de cremes e pós, em suspeitosas momices a comprometer-lhes a masculinidade. Doía ao conde enterrar tanta ternura e tamanha formosura naquele mundaréu de terras, onde pretendia erguer com o pomposo nome de "Chão da Esperança" a sua fazenda de café.

Preocupava-se, entretanto, com o possível enfadamento da esposa e da filha. Para consolo seu começou a mandar às urtigas a possibilidade de um remorso por havê-las afastado do brilho da vida na Corte para encaixá-las na simplicidade campesina. Surpreendeu-se com o repentino interesse de ambas em participar de todos os trabalhos, que começavam a ganhar corpo com a construção da casa sede, por ora abrigo provisório e desconfortável, que pretendia, com o correr do tempo, transformar numa ampla e acolhedora casa senhorial. Generosa e Lucinda eram pródigas em dar palpites. Queriam um cômodo que recebesse muita luz para uma perfeita execução das costuras domésticas. Uma grande cozinha com o usual fogão a lenha e ampla chapa de ferro com oito bocas, para o preparo de suculentas refeições e cheirosas tachadas com o apro-

veitamento das frutas a serem colhidas antes que o pleno sazonar as atingisse, como bem haviam aprendido nos cursos de culinária.

Despiram-se de todas as vaidades. Tornaram-se simplórias no trato com os agregados que foram se achegando para os trabalhos da casa. Pediam com solitudine, ao invés de mandarem com rispidez, o que lhes granjeava um atendimento pronto e espontâneo por parte das mucamas mais chegadas à intimidade de ambas. Nada de arrogâncias e pedantismos diante da criadagem. Pareciam esquecidas de que, um dia, não de remota lembrança, haviam participado das luxuosas solenidades da Corte, luzidio reflexo do título de nobreza do conde. Sem se darem conta, pareciam mais duas matutas que pessoas de alta estirpe.

No jardim, distribuído em canteiros assimétricos, Lucinda, numa certa manhã, agraciada pela sinfonia do passaredo, apanhou as ferramentas de jardinagem e pôs-se a plantar uma roseira, muda que lhe dera a mulher de um dos colonos, garantindo na hora da oferta:

— Planta, sinhazinha, que lhe há de dar sorte. — O conde, batendo com o chicote de montaria nas botas, arrepiou-se todo. Gostava de rosas, como não, fossem elas flores, fossem mulheres, mas odiava os espinhos. E rosas têm sempre espinhos a custodiá-las.

Pareceu-lhe uma providência de mau presságio ver a filha introduzindo no jardim a primeira planta que espetava o ar com os seus espinhos. Transmitia, sem querer interferir no trabalho de Lucinda, todas as suas preocupações:

— Filha, ouça o que lhe diz o seu pai. Espinho é sinal de atraso. Não me parece de bom alvitre ver plantas que o ostentam vicejando nas proximidades da

casa. Ainda mais no jardim da entrada principal, onde tudo deve ser ameno e despreocupante.

— Bobagem — retorquia Lucinda, com a suavidade de quem quer espantar qualquer vaticínio de desagradáveis conseqüências. — Os espinhos, tomando-se o devido cuidado, nenhum mal causam, a ninguém ferem e podem ser até de grande serventia.

E a muda de roseira, sem que Lucinda desse ouvidos à rogativa paterna, foi fincada no centro do canteiro. Recebeu, como regalo e promessa de floração abundante, um alentado balde d'água. O líquido, sorvido em fortes sucções, aprofundou boa parte da fofura terreal, formando um círculo regular em torno do caule.

À noite, na hora do jantar, percebendo que o pai não desfazia a carranca, Lucinda procurou conscientizá-lo de que os seus ressentimentos eram infundados. E num tom debochativo, sem descambar para o desrespeitoso, começou a falar:

— Sabe, senhor conde, que um velho poeta, muito antes de Cristo vir à Terra, já dizia ser agradável o espinho quando dele esperamos ver nascer a rosa?

E o tempo a correr. Lucinda mandou vir da Corte magníficos livros de botânica. Passou a ilustrar-se com afinco e profundo interesse no capítulo referente às plantas espinhentas. Mais para aclamar o conde, aliviando-o do preconceito da danosidade dos espinhos. Nas abafadas noites de verão, quando tudo era calma-ria, e os movimentos da natureza, por menores que fossem, chegavam aos ouvidos até dos que a eles não estavam com a atenção voltada, Lucinda, aproveitando a oportunidade silente, em exposição vivaz, apresentava todos os seus argumentos a favor das plantas cravejadas de espinhos, não só por amor filial como para

que mal-entendidos não empanassem o viver tranqüilo de uma família bem-posta nos seus propósitos de solidariedade. Momentos em que tomava ares doutorais e passava a discorrer sobre tudo o que aprendera de botânica, nos livros que, amiúde, enviavam-lhe do Rio de Janeiro.

— Pai, já que temos de viver na roça, façamo-lo com a dignidade necessária. Acho que devíamos cultivar algumas árvores com troncos espinescidos, porque são de uma valia a toda prova para o nosso bom viver. Principalmente neste fim de mundo, onde não há médicos nem se encontram remédios.

— Cruzes, filha! — interrompia o conde. — Vira essa boca pra lá! Desde quando espinho tem serventia? Pois não foi com uma coroa deles que malvados fariseus fizeram gotejar sangue da cabeça de Jesus para, numa iniquidade jamais descrita pela história da humanidade, levá-lo ao Calvário para uma injusta crucificação, como se fosse um reles criminoso?

Para afastar comparações mal formuladas, Lucinda ponderava com clareza:

— Tudo o que o Criador colocou na Terra, meu caro pai, tem o seu préstimo.

E passou a discorrer, com a proficiência de uma profissional, repetindo o que em segredo aprendera na quietude do seu quarto, com a leitura dos livros de botânica:

— O senhor já não se alegrou com a beleza das primeiras rosas desabrochadas no nosso jardim? Rosas que, colocadas nos vasos que enfeitam a nossa sala, perfumam-na? O senhor sabe que as árvores produtoras de espinhos têm os mais pitorescos nomes, e são a salvação da gente do campo para a cura dos seus males? Que o espinho-orgulho, de

deslumbrante beleza e efeitos decorativos, na Europa, é cultivado até em estufas? Que o espinho-de-carneiro cura câncer, e a infusão das suas folhas combate com eficácia tumores e linfatismos agudos? Que o espinho-de-cerca é utilizado para a defesa das propriedades, tornando-se inexpugnáveis aquelas por ele protegidas? Que o espinho-de-Cristo se presta para todos os serviços de carpintaria, além de produzir matéria para o fabrico de sabão? Que o espinho-de-Jerusalém dá flores de um encantamento sem igual e as suas folhas se aproveitam como febrífugas e no combate à consunção? Quer mais, meu caro conde? — ironizava Lucinda, com ares de entendida. E, sem que recebesse qualquer resposta do conde, derreado ante tanta sapiência, dava prosseguimento aos esclarecimentos definitivos que deviam chamar a um total convencimento o pai querido.

— As cinzas do espinho-de-vento servem para clarificar o açúcar, o espinho-de-Maricá é uma porretada contra a asma e febres intermitentes, o espinho-de-São João acaba com o escorbuto, e o espinho-de-vintém, por ser antitóxico, combate flatulências, dores de ouvido e de dentes. Um belo dia, pai, o senhor vai convencer-se de que essa sua aversão pelas plantas espinhosas não passa de um capricho.

Com o decorrer dos dias, a fazenda foi prosperando. Lucinda a aprofundar-se nos seus conhecimentos da medicina não convencional. Curava, com a infusão das plantas, a maioria delas com os troncos peja-dos de espinhos, a caboclada que não podia deslocar-se para a Santa Casa de São Paulo. A prestabilidade de Lucinda, e o êxito por ela alcançado com a aplicação das suas mezinhas e ingüentos, fizeram o conde baixar a crista:

— Tá bem, filha. Fique com a sua estima pelos espinhos. Me dou por satisfeito, desde que eu fique longe deles. Se existem os espinhos, e não me machucando eles, diz-me o bom senso que devo respeitar os que acreditam na sua utilidade.

— Mas pai, não são lindas as rosas do nosso jardim, que o senhor diz não apreciar por nascerem em hastes cheinhas de espinhos? O senhor não tem acompanhado o bem que as plantas aculeoladas fazem aos que me procuram, em busca de alívio para as suas dores?

E nesse bate-boca iam vivendo às turras, na per-lenga sobre os espinhos, que parecia não ter fim. Ele, o conde, a profligá-los, e ela, a Lucinda, encantada com os seus favores, a louvá-los.

Até que um dia vieram pedir à Lucinda socorro para que acudisse urgentemente um fazendeiro vizinho, que, até então, conhecia apenas pelo nome: Dr. Abelardo.

Advogado, cansado da vida da cidade grande, quem sabe carregando algum mal de amor, com avantajado cabedal amealhado numa competente atividade nos tribunais metropolitanos, solteirão empedernido, resolvera mandar tudo às favas para tornar-se um próspero fazendeiro.

Cavalgava pela imensidão das suas terras numa contemplação intérmina das campinas de gostoso e macio relvado. Deliciava-se em lavar as mãos nos riachos de águas cristalinas, cuja mansidão só era interrompida pelos círculos concêntricos causados pelos peixes famintos que rabeavam na superfície à cata de um bom petisco. Embrenhava-se nas matas de suave frescor, como se fossem ventiladores aos milhares a cambiarem o ar delicioso de se respirar.

Adalberto, na manhã daquele dia que podia ter-lhe ceifado a vida, apeou do feroso manga-larga, montaria da sua predileção. Achevou-se a um filete de água que despencava, convidando a um bom gole, de uma elevação enricada de tufos de virentes samambaias. Mãos juntas, em forma de carapaça, procurou enchê-las para dessedentar-se. Súbito, viu crescer, ante os seus olhos estalados de pavor, uma urutu com a tétrica cruz gravada na cabeça, que, num bote certo, picou-lhe um dos pulsos. Com a rapidez de um corisco meteu-se na sela da montaria que ficara num bom pastar, e troteou para a sede da fazenda. Quem, naquela emergência, podia acudi-lo, senão a Lucinda? Foram buscá-la a galope e a ela chegou. De pronto mandou escancarar as cortinas do quarto de Adalberto, para arejá-lo. O terrível veneno da serpente começava a produzir os seus deletérios efeitos. Os olhos embaciados, a fala inaudível, disformidade dos objetos que procurava em vão identificar, a percepção não mais permitindo alcançar o exato sentido das palavras, os músculos sem qualquer correspondência aos esforços que fazia para não se entregar. Lamentável o estado do vitimado.

Lucinda, mais depressa, mandou o administrador da fazenda de Adalberto apanhar, numa urgentíssima diligência, uma lasca de espinho-santo, pois lera, na sua peregrinação pelos livros de botânica, dos salutarres efeitos dessa planta contra o veneno de animais peçonhentos. Antídoto infalível.

Preparada a infusão, com paciência e desvelo de fazerem inveja a qualquer profissional de medicina, começou a ministrá-la em intervalos de uma regularidade denotadora da responsabilidade que assumira pela salvação do vizinho. Presa junto ao leito do der-

reado pela picada do terrível ofídio, no aguardo da hora de ministrar a infusão, observava-o atentamente. O tempo ocioso permitiu-lhe analisar os traços fisionômicos do seu ocasional paciente, rosto imerso na alvura do travesseiro, numa serenidade insofrida por estar sob o efeito calmante do espinho-santo. O nariz, de grega feitura, repousava num bigode negro e farto. Os cabelos encaracolados emolduravam-lhe o rosto abatido. A boca, com os lábios cerrados, a demonstrar uma certa linhagem. Era belo aquele homem, balbuciava a dedicada e improvisada enfermeira. O tempo passando e o advogado recuperando-se paulatinamente. Até que se viu definitivamente curado.

As visitas à casa do conde, a partir de então, amiudaram-se. Os seus contatos com Lucinda intensificando-se. Uma identidade cultural a aproximá-los cada vez mais. Mesmo porque, nas discussões sobre espinhos, que agora, por força do acontecido, eram mais amiudadas, Adalberto tomava sempre partido da moça, e não do conde. "Porventura não fora salvo pelas milagrosas poções de espinho-santo?", costumava dizer para solidificar a sua adesão à Lucinda. A sua vida tinha a ver algo com essa espinescência toda. Da afeição ao amor foi um pulinho de nada. Um empurrão do trêfego Cupido foi o suficiente para predispor-los a uma união venturosa.

E, numa festança com muito saçarico e ruidosas manifestações de júbilo, que iam aquietar-se nos aprazíveis grotões, Lucinda e Adalberto tornaram-se marido e mulher.

Só então o conde Esperidião rendeu-se aos argumentos da filha de que os espinhos, embora de quando em quando ferissem, prestavam-se também à graça da cura, e na primaveral estação as suas hastes

aculeadas, numa espécie de proteção, enchem a terra de flores, cores e perfumes. Mesmo porque foi na malignidade da picada da terrível urutu, contida na sua ação pela eficácia do espinho-santo, que Lucinda encontrou o rumo certo, neste mundo repleto de espinhos e venenos.

EM CARA DE CORONEL NÃO SE BATE

Petronilho, descorçoado de lutar por um emprego, e cansado de receber na cara as recusas constantes e até grosseiras, resolveu ingressar no movimento dos sem-terra. Pelo menos, companheirismo e comida, que os movimentos reivindicatórios colocavam nas mãos dos invasores, jamais lhe faltariam. Pensava, na clandestinidade, alcançar, pelos meios inusuais, o pedacinho de chão em que pudesse acomodar a mulher e os dois filhos, sem mais sofrer o vexame de pedinchar para comer e para morar, como ser humano que era, não como mero animal sarnento. Todas as pessoas a quem dirigia as suas prédicas de emprego e alimento, para alojar e prover as suas amadas criaturas, respondiam, principalmente quando mulheres, depois de examinarem os dois filhinhos loiros, de olhos azuis, metidos em roupinhas rasgadas e pés descalços: "Que gracinhas, parecem dois anjos".

Mas ficavam apenas nas palavras.

Nenhuma delas animava-se a dar-lhes um prato de comida, uma roupinha ou um tênis, esgarçado que fosse, para que as pedras dos caminhos não lhes ferissem os pés.

E a mulher, coitada, de tão vexada pelas andanças sem resultado atrás de um lugarzinho para dormir, costumava, como quem busca consolo na resignação, comparar-se à mãe de Jesus quando perambulava, grávida e sofrida, pelas estradas da Galiléia, à procura de um beco onde repousar o corpo judiado por estafantes jornadas.

Petronilho, depois de aceito no movimento dos sem-terra, passou a destacar-se pelo entusiasmo com que participava das invasões, pela ousadia com que

encarava os fazendeiros tidos como algozes dos que queriam apenas se localizar para plantar e colher para sobreviverem, pela coragem que demonstrava nas escaramuças contra os capatazes das propriedades rurais, que eram bem pagos para defenderem o patrimônio dos patrões e, mais ainda, pela intrepidez ao opor-se ao cumprimento dos mandados de reintegração de posse a favor dos senhores das terras, emitidos a requerimento de famosos advogados, especializados em direito imobiliário. Depois de todo esse posicionamento de lealdade ao movimento, foi-lhe confiada a iniciativa das operações de apossamento, direito de comando que a sua dedicação à causa dos reivindicantes fora, aos poucos, granjeando. De mendigo pedinchão, de porta em porta, de emprego e comida para saciar os seus dois anjinhos queridos, como alardeavam as donas de casa que eram pródigas em elogios mas avarentas em bem fazer, sentia-se, agora, como um comandante e chefe de um exército disposto a lutar até a morte por uma nesga de terra. Era a voz mais ouvida nos acampamentos. Sentia-se envaidecido com as palmas dirigidas às suas palavras de ânimo e exaltação, incentivos carregados de calor e voluntariedade. Tornara-se um mestre em insuflar os companheiros às ferrenhas e violentas posses daquilo que julgava caber-lhes por direito e determinação divina. Pois os religiosos das circunscrições em que agia, demagogicamente, sem fundamentos de legalidade, não pregavam que as terras eram dádiva do Criador para serem cultivadas por todos, sem distinção de riqueza, cor ou religião? E esses clérigos, ostentando a representatividade de Jesus neste mundo, não usavam os exemplos bíblicos para legitimar-lhes o avanço sobre o que pertencia a uma só família, quando tantas outras não tinham uma

côdea de pão para roer? Quantas crianças vira morrer nos acampamentos, desnutridas ou atacadas de disenteria até desmilingüirem-se de vez por males causados pelo consumo da água pútrida dos rios contaminados, em que se banhavam e dessedentavam! Quantas mulheres vira sucumbir na hora do parto, por falta de assistência, em ambiente infecto! Quantos companheiros de luta enterrara, atingidos pelas balas do jagunços a serviço dos latifundiários! Quando não pelas da polícia, chamada para manter a ordem e garantir as decisões judiciais, quando a elas opunham resistência!

Certa vez fora convocado para ir a Brasília para entendimentos com altas autoridades da República, que prometeram resolver sem tardança os problemas que os afligiam, com lorotas e uma informal oferta das terras desejadas, acompanhamento técnico reclamado e empréstimos para as primeiras despesas de adaptação e produção. Para, saídos da audiência, assistirem ao desfile cínico do descumprimento das promessas feitas. "Ah! É assim? Governinho mentiroso, sem vergonha", balbuciava Petronilho, num trincar de dentes. E inflamava-se ao dar continuidade aos revoltados pensamentos que lhe acudiam à memória transtornada pela cólera: "Vamos tomar conta do INCRA e botar esses engravatados pra correr".

Basóbio, imbuído de um falso poder, fizera, nas suas incursões por terras alheias, muito soldado ajoelhar-se ante a força dos ocupantes, e muito funcionário emproado, que nas entrevistas à imprensa falada e escrita roncava grosso, borrar-se nas calças de medo.

Até que, do presidente da República, em solenidade de cunho eleitoral, porque o homem disputava a reeleição, recebeu o certificado que lhe conferia a pos-

se de um pedaço de terra. Para surpresa sua, muito fértil, sombreada por um resto de mata nativa. Aconchegados, a mulher e os dois anjinhos da sua vida, no casebre de pau-a-pique que erguera com a ajuda dos companheiros de movimento, passou a matutar: "Eu já tenho onde acomodar a minha gente. E os companheiros que nada conseguiram, como é que ficam?". Teria o governo, no favorecê-lo, almejado tirá-lo da liderança da causa que abraçara? Não haveria aí um plano para enfraquecer o movimento? Confuso por essas dúvidas que lhe fundiam os neurônios, resolveu continuar engajado no movimento, até que todos fossem contemplados. "Que diacho! O governo tem tanto dinheiro para desapropriar. Os fazendeiros têm terra em demasia, que mal conseguem cultivar. Por que tanto para muitos e para outros nem tanto assim?"

Era preciso acabar com essa desigualdade que lhe cheirava à injustiça. Certo dia foi interrompido, por um emissário, na faina de plantar algumas mudas de mandioca e de semear o milho, que foi logo transmitindo a incumbência de chefiar o apossamento da fazenda de um poderoso senhor de terras, afamado pela disposição em resguardar o seu patrimônio. Sabia-se que o homem era um obstinado, que jamais conhecera um recuo na sua vida.

Petronilho aceitou o desafio. E lá foi ele, mais valente e confiante que das outras vezes. Superava-se na bravura de chefiar a tomada do torrão intocado do homem que se impunha pela prepotência nas assembleias dos chamados ruralistas. A sua vontade preponderava sempre, por mais fortes que fossem as razões dos que a ele se opunham. Ia ser uma investida de imprevistos resultados. Organizada a marcha, com Petronilho à frente, empunhando o seu forcado, a turba foi

rendendo guardas e silenciando cães, redobrando os cuidados à medida que se aproximava da sede da fazenda. Junto à piscina de águas límpidas, ao reverbero do sol que a aquecia, estava o possuidor da majestática fazenda. Bermuda branca, camisa da mesma cor do mais puro linho, óculos escuros para evitar o rigor dos raios solares, e, nas mãos, a indefectível marca dos milionários: um copázio do mais legítimo uísque escocês. Sorrateiramente, a tropa do invasor Petronilho foi avançando. Ora rastejando, para não ser pressentida, ora aquietada, para calar o ladrido da cainçada. Chegados à casa senhorial, o ataque foi ordenado. O fazendeiro e seus convidados restaram encurralados na ampla sala de recepções, em cujas paredes quadros de renomados pintores davam um certo toque cultural ao ambiente, muito embora o fazendeiro não entendesse bulhufas sobre arte. Os comandados de Petronilho não se contiveram. Passaram a infligir as maiores humilhações aos que, até minutos antes, andavam numa diversão principesca. Embora Petronilho recomendasse prudência e respeito no trato com as pessoas, o estado de exaltação dos que queriam apressar o processo de concessão das terras apossadas aos sem-terra espicaçava a vontade dos invasores de machucar com palavras, gestos e até hostis ataques pessoais os dominados proprietários da magnífica gleba rural. Petronilho, sempre amistoso e cavalheiro no trato com os dominados, não suportando a arrogância do Coronel Andrade e a soberba do senhor daquele mundaréu, num momento de insopitada represália a todos os sofrimentos por que passavam os seus companheiros de luta, desfechou uma estrepitosa bofetada na cara do coronel, o catita fazendeiro que, instantes antes, estadeava poderio e elegância à beira da piscina. Chamada, a polícia não

tardou. Parla daqui, parla dali, Petronilho retirou-se com sua gente sob a promessa dos agentes do governo de que os invasores cadastrados, em breve, seriam contemplados, como fora o líder Petronilho. Tudo sem ressentimentos aparentes. Mas há uma versão entre os homens do campo que diz, muito apropriadamente: "Quem bate esquece logo o seu gesto truculento, mas quem apanha jamais apaga da memória a humilhação sofrida".

Os dias passando e o coronel Andrade ruminando o tabefe que Petronilho lhe dera. Parecia que o local atingido ainda lhe ardia. Resmungava pelos cantos da casa e nos carreiros da lavoura que percorria em fogo-so baio bem ajaezado, repetindo num gesticular irrequieto:

— Roceiro safado, atreveu-se a meter aquelas mãos sujas no meu rosto!

Até que, afrontado pela lembrança da taponia, reuniu alguns homens da sua mais absoluta confiança. Pediu-lhes que localizassem o Petronilho. Estava resolvido a dar o troco. O terreno que o INCRA lhe dera ficava num sítio ermo. Propício para uma emboscada que facilitasse a vingança que prometera, pela sua honra, levar a efeito.

Num domingo, único dia da semana que lhe permitia descansar das lides da roça e da participação do movimento dos sem-terra, Petronilho deu descanso às enxadas e picaretas para ficar com a família, no gozo de uma felicidade que parecia não ter fim. Eis que, inopinadamente, um grupo de sequazes do coronel Andrade invadiu, num estrépito de dar medo, o rancho do Petronilho. Na frente do bravo comandante dos sem-terra, amordaçado, depois de truculentamente espancando, a família foi sendo exterminada com sádicos

requintes. A mulher, despida e violentada, antes de ser espingardeada. Os dois anjinhos, para que não mais choramingassem, receberam balaços na boca. E Petronilho, amarrado como uma fera, sem nada poder fazer. Esforçava-se, como se fora um leão enjaulado, para desvencilhar-se das cordas que o açamavam, para enfrentar os que aniquilavam a mulher e os filhos, motivo único do seu viver. Foi quando o chefe dos jagunços do coronel Andrade, sacando de uma peixeira, rasgou o ventre do Petronilho de alto a baixo, vociferando:

— Isso é pra tu aprendê, seu excomungado, que em cara de coroné num si bate!

Os olhos de Petronilho foram embaciando, o corpo entrando em torpor, para tombar estrepitosamente no chão de terra do casebre.

De repente, sem a visão tétrica dos acontecimentos que acabara de protagonizar, viu-se de braços dados com a esposa, tendo a precedê-los os dois anjinhos, ingressando numa imensa mansão edenicamente iluminada. Não é que, agora, os dois filhinhos que lhe alegraram a vida na Terra transformaram-se em anjos de verdade? Pois até asas os dois tinham! Entraram ao som de acordes apaziguantes nas paragens onde ninguém precisa lutar para ter morada a passadoio.

Enquanto isso, no cemitério da cidade onde situava-se o pedacinho de terra que o governo lhe dera, para arrefecer-lhe o ânimo aguerrido que o conduzia às ocupações, antes de os quatro caixões, contendo os corpos do Petronilho, sua mulher e os dois filhinhos, ganharem os seus sete palmos de terra definitiva, o vigário, num comovido necrológio, exaltou as virtudes e a coragem do Petronilho, reafirmando o direito dos homens à terra que Deus criara para todos, e não apenas para um punhadinho de latifundiários. Os sinos da

igreja, na hora mansa do crepúsculo, ainda dobravam a defuntos, quando a noite caiu, com a sua mortalha de um negro sinistro, tarjando de luto a cidadezinha traumatizada pela inominável tragédia. Se na Terra privaram o Petronilho de usufruir do chão que conquistara com tanta luta, suor e desprendimento, no Céu era-lhe dado, sem disceptações nem titularidade, o infinito onde os filhos alegres já corriam, os pezinhos umedecidos por um eterno frescor que a ninguém era dado explicar de onde vinha, mas que estava sempre presente.

Com a sensação de posse plena, sem senhoria-gem, Petronilho hospedou-se de vez na imensa suavidade do Paraíso.

LAERTE ROMUALDO DE SOUZA

A COMÉDIA EM PROSA

Introdução

Estamos alcançando o XI capítulo do nosso trabalho. Confessado que o cansaço físico não impede de avançar; confessado, mais, que não há cansaço na caminhada. Verifica-se que a extração, em prosa, da magnífica história, em verso, trazida pelo saudoso e culto Dante, é, antes de tudo, uma lição de vida e seguro aporte à ciência moral. Demonstra o vate cuidadoso que o mal, antítese do bem, não tem conteúdo, e se nutre da ausência volitiva de viver-se o bem. Assim como a mentira é ausência de verdade, e portanto jamais poderá tornar-se verdade, o mal carece de sustentação moral. Essa a lição que nos transmite Dante, nesse caminhar pelo inferno, particularmente nestes três capítulos. Não nos irrogamos no poder de debulhar essas difíceis e extremas categorias, mas a ilação nos permite avaliar quão perto desse equacionamento chegou o autor da Comédia. Não se pode fazer mal pelo bem, nem falar-se bem do mal, porque a bondade exclui a maldade, e vice-versa. A lucubração do décimo sétimo parágrafo do capítulo XI tem a resposta conclusiva e precisa da dúvida do peregrino, no imediato décimo oitavo parágrafo. Porque Deus dá glória ao mau, para depois suprimi-la e castigá-lo. A ciência do mal entregue à criatura humana é para que ela o evite e não o pratique. Sabemos o que nos faz sofrer; igualmente o que faz sofrer o nosso semelhante. Esse

conhecimento é bastante para que promovamos a nossa felicidade na felicidade do próximo. Essa é a grande lição trazida pela singular poesia, permitindo-nos incursão cultural ao inferno que, não raras vezes, ajudamos a construir. Essa observação é tibia, frente aos ensinamentos da obra. Continuemos ouvindo Dante!

Capítulo XI

Chegamos à beira de um penhasco, constituído por pedras quebradas, formadas em círculos. Do alto vimos outros tormentos terríveis.

Do fundo do abismo subiam cheiros azedos, levando-nos para trás das grandes muralhas de pedra. Em um túmulo surpreendemos o epitáfio: "Sou a sepultura do Papa Anastácio, que escondeu os erros de Fotino".

Devagar fomos descendo as escarpas; à medida que descíamos, o olfato se distanciava do mau cheiro e nós não sentíamos mais a ação impura dos mesmos.

Falei a Virgílio: Faça o possível, Mestre, para ensinar-me o máximo, para que o tempo que gastamos não se perca sem proveito.

O caminho que ora percorremos já foi vencido em mais da metade. Nessas pedras existem três círculos menores, com degraus, parecidos com os outros por que tu já desceste. Esses círculos estão cheios de pecadores amaldiçoados. Procura lembrar-te deles. Em seguida, falarei sobre os crimes que cada um praticou, bem como qual é a pena que devem cumprir. Quando praticamos o mal contrariamos as leis do céu, e a injustiça do nosso ato, afinal, causa dano ao nosso se-

melhante, pois que agimos com fraude ou com violência. Causa maior descontentamento a Deus o homem tornar-se o meio de fraude. Os maiores tormentos ocorrem neste lugar, que se encontra cheio de aflições. Dos três círculos, o primeiro é a morada dos violentos. Entretanto, esse primeiro círculo foi dividido em três compartimentos, para distinguir as fases da violência. Ofende-se a Deus praticando o mal contra o próximo, quer sejam os bens, quer sejam as pessoas. A violência contra o próximo pode estar presente quando impomos a tortura. Destruímos os seus bens com fogo ou outros meios. No primeiro recinto estão os homicidas, ladrões, devastadores... Todos eles são torturados neste local, sem piedade. Foram homens cruéis, capazes de torturar, sem motivo, as pessoas, ou destruir os bens do próximo. No segundo recinto estão os condenados à vida de amargura eterna. Quem não procurou caminhar, no mundo, com acerto, ou quem malbaratou os seus bens, hoje chora, quando devia estar sorrindo. Os atos de violência que o homem pratica contra Deus estão presentes quando o negam, o ultrajam, desprezando a natureza e tudo o que nela existe. No recinto menor ficam os depravados, que se assemelham às confusões surgidas em Sodoma, bem como os que se dirigiram a Deus com palavras de calão. Maiores danos são causados aos que não se valem da honra, pois que são vítimas mais fáceis da fraude que traz tanto remorso, ou que permitiram que lhes traíssem a confiança. Os que agem contra o amor, violentando a natureza humana, habitam o segundo círculo. Os enganos dessa espécie surgem quando não há confiança e estima. O tráfico de coisas santas misturado com adulação, juntam-se aos anteriores os hipócritas, falsários, feiticeiros, rufiões e outros parecidos. Vivem a transformar os

afetos verdadeiros, que inspiram a natureza e fazem com que ocorra a fé entre as pessoas. O terceiro círculo, que abrange o centro da Terra, e onde os pecados são avaliados com mais rigor, destina-se aos traidores que devem cumprir pena eterna.

Dirigindo-me ao Mestre, falei: A forma clara com que aborda os assuntos permite-me distinguir, com exatidão, o inferno criado pelo homem do verdadeiro inferno, e as pessoas que, neste, encontram-se presas. Diga-me: os que se encontram na enorme lagoa, os que sofrem ao vento e à chuva, enfim, todos os que se encontram nesse ruído incômodo, por que Deus não os castiga, se provocaram a sua ira? Por que Deus permite que errem, agraciando o que fazem para depois castigá-los?

O Mestre retrucou: És louco? Os bons princípios varreram-se de tua mente? O que pretendes dizer com isso? Tuas idéias estão voltadas para que objetivo? Esqueces, porventura, que a regra que se tira da Ética, em seu tríplice aspecto, não pode encerrar um mau conceito com tua irreverência e furor bestial? Se prestares atenção a essa verdade, compreenderás por que essas almas padecem no fogo eterno. Verás, então, que, se fossem justos, não estariam sujeitos ao sofrimento. Não seriam punidos se não tivessem culpa.

Humildemente, falei ao Mestre: É o sol que ilumina minha vista perturbada; tenho em tão grande apreço tudo o que me ensina, que, tendo certeza ou dúvida sobre a lição, fico agradecido. Mas, tornando à lição anterior, peço que me explique por que motivo a usura ofende tanto a bondade divina.

A filosofia, quando compreendida, demonstra, sempre, que está ligada à natureza. Tu tens estudado

princípios de física, da mente e da arte divinas, e preciso recomendar-te regra a respeito da bondade. A natureza é uma mestra obediente, que pode ser chamada de neta de Deus; sempre que te assaltar dúvida, podes dela socorrer-te. O sustento e os bens da gente humana tem seus princípios e sua origem na natureza. Quem escolhe a usura, escolhe estrada bem diferente da que é traçada pela natureza, pois que menospreza a esperança e perde a disposição de ver beleza na arte. Mas — prosseguiu — continuemos em nossa empresa. A constelação de peixes vai surgindo no horizonte. No caminho vão aparecendo novos obstáculos. Mais adiante encontraremos passagem na rocha.

Capítulo XII

Na descida o passo tornava-se estridente de tal forma que alguém que estivesse vigiando atentamente ficaria perturbado. O local assemelha-se ao território de Trento, que se encontra em ruínas em decorrência do rio Ádige e do terremoto que o atingiu repentinamente.

Do lugar em que nos encontrávamos, no alto do morro, via-se o vale de pedras que, em decorrência do terremoto, aparecia com as pedras destroçadas, apresentando-se indiferente à nossa descida. Do alto tínhamos essa impressão de destroços. Às margens do penedo diminuto que forma a ilha de Creta, um monstro infame encontrava-se deitado. Evidenciando vantagem falsa, saiu a nado. Assim que nos viu, mordeu-se colericamente, como se fosse ser devorado pela raiva.

Virgílio disse ao monstro: Pensas que és príncipe de Atenas, tendo, ali, encontrado valentemente a morte? Afasta-te, bruto! Este que se encontra comigo não praticou nenhum crime, não recebeu nenhuma instrução especial para chegar aqui. Veio, entretanto, assistir ao tormento a que foram condenados.

Como se fosse um touro que se solta, quando o bom senso lhe tira a possibilidade de atacar mortalmente, vacilou, infeliz, sem poder escapar. Esse é o minotauro.

Virgílio veio em meu socorro, dizendo-me: Ide rapidamente até a entrada e desce.

Enquanto isso o monstro se sacudia, em grande convulsão.

Deixamo-nos cair pela ladeira formada de pedras soltas; cada pedra que meus pés tocavam iam-se movendo e cedendo. Eu estava desconfiado.

O Mestre disse: A tua mente está se consumindo na ruína que a ira desse monstro constrói, mas que já está vencida. Deves saber que, em outra oportunidade em que desceres até o fim do inferno, não dirás que esta rocha é a mesma que tenhas visto. Se não me engano, pouco antes de retornar a este lugar, saberás que tipo de presa o minotauro capturou, impondo-se no círculo superior. Da profundidade e dos tremores desse vale, senti o amor que todo o universo alcança e que temos certeza da existência. Muitas vezes enveredamos pela confusão. O velho penhasco, despedaçado e envolvido pelas trevas, deixa-nos uma imagem horrenda, agora, deste e de outros lugares semelhantes. Mas olha o vale: o rio de sangue não está tão longe, onde verás fervendo todos os que exerceram a violência. A ira e a ambição que nos governa nesta vida

curta arrastam-nos e afundam-nos, para sempre, no inferno.

Vi uma abertura muito grande, em forma de arco, que abrangia toda a área, como afirmara meu anjo protetor.

Nesse local pedregoso, os centauros correm agitando suas flechas, como se tivessem sido criados naquele instante. Continuamos descendo em direção ao bando audaz. Três dos centauros procuravam localizar-nos, preparando os arcos para o arremesso das flechas.

De longe ouvimos o grito de um dos centauros, que nos perguntava: Tu, que desces até este lugar de sofrimento, dize-me a que pena estás condenado.

Dirigi-me ao Mestre e pedi que desse a resposta, antes que os centauros usassem suas armas.

Virgílio respondeu: Terás nossa resposta, de imediato, quando estivermos próximos, Quiron. A presa sempre te deixa irado.

E, tocando-me, falou: O nome desse centauro é Nesso, que morreu por Djanira, mas se vingou de seu assassino. Esse que se encontra no meio, olhando para o teu peito, é o famoso Quiron, professor de Aquiles. O outro, que está sempre raivoso, é Folo.

Em grande quantidade, os centauros, velozmente, moviam-se em torno do rio de sangue, atirando as flechas. Os centauros eram em número tão expressivo que o líquido horrível em torno do qual vibravam era em menor quantidade.

Chegamos próximos daqueles monstros que se moviam rapidamente e que representavam as almas sofredoras. Quiron, com o auxílio de uma flecha, acomoda os cabelos que lhe caem no rosto.

Abrindo enorme boca, o centauro diz ao companheiro: Já notaste que tudo em que ele pisa se move? Nunca os pés de um morto pôde provocar esse movimento.

O Mestre, que mais se aproximara de nós, estando antes conversando com uma das almas, afirmou: Ele está vivo!

Dirigindo-se a mim, completou: Vem comigo visitar o vale maldito, tenebroso, onde as almas penadas cumprem seu dever.

Afirmou Quiron: Não pode ser ladrão ou espírito impuro aquele que não cantar o hino eclesiástico, mas quem comete o crime verdadeiro. Caminho nesta medonha estrada em nome do poder que dominou o meu povo.

O centauro transportou-nos no dorso, para mostrar a parte mais tranqüila do vale, onde o número de sombras é menor.

Quiron virou à direita, dizendo a Nesso que retornasse e servisse-nos de guia, evitando que outro bando de almas nos perturbasse a caminhada.

Costeando as ondas rubras e quentes, donde partiam gritos estridentes, partimos com a fiel companhia.

Via-se até os cílios dos padecentes tingidos de sangue. Quiron nos disse: Trata-se de almas de tiranos truculentos e desonestos. Os atos desumanos que praticaram aumentam, aqui, o sofrimento de cada um. Alexandre se encontra entre essas almas. Também Dionísio, que fez sofrer o povo da Sicília. Azzolino, também, sofre castigo neste local, expelindo, pela boca, espuma negra; esse louro que está ao seu lado é Obízzio d'Este, que foi assassinado pelo enteado.

Voltei a prestar atenção a Virgílio, que dizia: O segundo lugar está reservado para mim.

Nesso parou pouco adiante. Queria ver a turma submergida no rio de sangue, e que mantinha a cabeça de fora. Disse, apontando uma alma afastada: Londres ainda venera essa criatura, embora perante Deus seja pecadora.

A seguir vi a cabeça e o busto de outras almas que se erguiam do fundo do rio de sangue, cujas feições, no mundo, eram-me familiares.

O sangue do rio começou a baixar até ao ponto de permitir passagem, pois sequer cobria os pés. Dessa forma, conseguimos transpor o fosso sem muita dificuldade.

Nesso esclareceu que, se as bolhas ferventes do rio parecem escassas, é sinal de que fica mais espessa, descendo pela parte oposta até juntar-se, na parte escura da parte mais profunda, onde, como já havíamos percebido, o tormento dos tiranos é mais cruel.

A divina justiça faz com que Átila, Pirro e Sexto, que tanta angústia provocaram durante a vida, sofram na cruz de seus pecados. Aumenta a agonia dos dois Renatos, salteadores e bandidos de estradas, incluindo Pazzo e Cornetto.

Cessa a conversa. Afastamo-nos do rio, deixando o vale para trás.

Capítulo XIII

Nesso ainda não havia chegado ao outro lado quando penetramos por um bosque que não apresentava vestígios de ter sido visitado anteriormente. A vegetação não era verde, mas escura.

Os galhos não eram lisos, mas presos e nodosos. Não encontramos frutos, mas pontas aguçadas com veneno.

Caminhamos entre plantas mais densas, em locais sombrios; a besta brava, representada desde Cecina até Cornetto, não se afasta, mas permite que fiquemos em paz no campo que alcançamos.

Bando das mesmas harpias que expulsaram os troianos de Strofade aguardava as almas que ali chegavam, prevendo o mal que lhes ia acontecer.

As harpias possuem asas largas, colo e rosto humanos, garras nos pés, ventre enorme e coberto de penas, e vivem, naquela selva, emitindo uivos aterrorizantes.

Disse o Mestre: Convém que eu já esclareça onde estás entrando; verás espetáculo horroroso. Alcançarás um lugar abominável, cheio de areia. Presta atenção. Compreenderás o que te expliquei lá no mundo, antes de começar esta aventura.

Munido das explicações dele, passei a ouvir gritos de aflição por toda a parte. Como não conseguia ver quem gemia, parei e a perturbação ficou mais forte. Penso que, no entender do Mestre, eu acreditava que esses lamentos arremessassem aos ares uma multidão desordenada de almas, que aos olhos passasse despercebida.

Cheguei a essa conclusão porque ele me disse: Se quebrares um só raminho de um desses troncos perceberás o erro em que te envolves, pois trata-se de uma alma penada.

Estendi o braço e quebrei um raminho. O tronco da árvore, assim ferido, manchou o ramo de sangue negro.

Ouvi a voz do raminho, dirigindo-se a mim: Por que me arrancas? Nunca foste tocado pela piedade?

E continua se lamentando: Fui homem. Hoje, como vês, sou lenho. Tua mão seria mais compassiva se, em vez de mim, fosse a alma de dragão feroz?

E como lenha verde, que, quando se incendeia numa ponta se contorce na outra, estala, chia, expele água, assim permaneceu o raminho.

Observei que daquela árvore que me falava brotava sangue; eu já havia soltado o raminho e, entretanto, continuei horrorizado.

O Mestre tornou a falar, dirigindo-se ao raminho: Alma sofredora, que eu descrevi na minha fala, não tive a intenção de ferir-te, e por esse acontecimento estou arrependido. Dize quem foste na vida, para tirá-lhe as dúvidas. O mal de que padeces há de servir, ao mundo, como exemplo.

Ao que a árvore respondeu: Tuas palavras trazem-me alívio, de tal sorte que, com esse teu ato, com alegria te presto esta informação, pois dás alegria a quem está cheio de mágoa. Em vida dominei a vontade de Frederico; usei e abusei de sua bondade e poder, conseguindo amealhar fortuna. A fé que Frederico depositava em mim resistia mesmo à força que me mantinha no cargo; em meu proveito exauri essa mesma força. Tal e qual a meretriz que constantemente volta seus olhos às riquezas terrenas, a morte nunca esperada, imediatamente se voltou contra mim, de imediato, atraindo para a minha alma todo o ódio possível. Esse ódio provocou a ira de Augusto, que me havia reservado honras alegres que se tornaram em luto horrendo. Ressentindo-me da injustiça do mundo, procurando fugir de seu desprezo, busquei a morte. O meu ato iníquo voltou-se contra mim, que, antes, fora justo.

Deste tronco em que cumpro pena, posso afirmar que jamais, antes, fui infiel, particularmente ao meu rei. Este rei que sempre teve a glória a guiá-lo. A ti, que podes voltar à vida terrena, imploro que salves a minha memória e o meu honrado nome, vítima que fui da inveja, recebendo duro golpe.

O poeta ainda aguardou: Por que te calas? Dize-me: se desejas pedir mais, pede tudo o que entendes, porque o tempo corre célere.

E a alma penada volta a falar: Tu mesmo perguntas pelo que entendes, e sabes, mais do que nunca, o que me convém; sinto-me inibido pela mágoa, que é muito grande em mim.

O Mestre novamente se dirige à alma penada: Se o teu desejo pode ser cumprido por este homem — o Mestre me indica —, e o usas com nobreza, tem certeza, alma, que o teu pedido será atendido.

Ao nosso assentimento a alma se liga ao tronco, esperando ser possível, um dia, livrar-se de suas amarras.

O vento soprou a árvore com violência; o som que percebemos dizia-nos: Assim que for possível darei a resposta adequada. Quando uma alma impura destrói os laços que garantem o seu corpo, Minos, enfurecido, lança-a no sétimo círculo, onde deve padecer.

As almas são atiradas, ao acaso, naquele local, que é o principal da selva, de acordo com a pena que devem cumprir; espalham-se como grãos de centeio e vão crescendo até tornar-se gigantesca árvore. As harpias devoram a ramagem dessas árvores, causando-lhes dor e fazendo escapar lamentos tristes. As almas são obrigadas a permanecer onde se encontram seus corpos. Como todas, sem exceção, em que não se pode diminuir as penas dos que se perderam. São arrastadas

para essa floresta, permanecendo ligadas ao tronco, sofrendo a pena imposta.

Ouvíamos ainda a voz da sombra principal, que tinha a intenção de explicar, em detalhes, o que ocorria naquele local.

Como o caçador dos montes, que não está muito atento à caça, não houve o barulho provocado pelos cães que perseguem o javali; permanecemos impassíveis. Repentinamente vi à minha esquerda dois espíritos nus, lacerados, que, espavoridos, surgiram no negro bosque, quebrando ramos. Um deles clama: Oh, morte! Socorre os desgraçados.

O segundo, chegando pouco depois: Ninguém, ó Lano, observa a rapidez com que Toppo movimenta os pés.

Porém, após perdida a esperança, nada mais restava do que procurar agasalho nos arbustos.

Bando negro de cadelas famintas corria pela selva, perseguindo os dois espíritos, como seiva amarga a impregnar tudo por onde passava.

Foi-lhes enviada uma sombra protetora que partiu, em pedaços, a matilha enfurecida, levando-os, a seguir, com gritos de aflição.

O Mestre segurou-me pela mão, conduzindo-me ao arbusto arrancado pela ruptura do solo, inspirando a indulgência.

Uma alma exclama: Oh, Santo André! Eu não poderia dedicar-te amparo?

O Mestre dirigiu-se ao espírito, quando se encontrava mais perto do mesmo: Quem és tu, cheio de mágoa e que sangra tanto, pelos diversos golpes que levaste?

O espírito respondeu: Oh, alma que se dirige a mim com generosidade, que vê a extensão do mal que

me separa da salvação, que procura, em minha frente, divisar o bem. Ouviste, com paciência, a rama entristecida. Na cidade onde nasci deixei-me levar por antigo senhor, cheio de artimanhas. Se não restasse um único vestígio na ponte do Arno que revelasse a fé que me dominava, nunca mais poderia alcançar a paz. Como que arrancado das cinzas de Átila, não haveria esforços suficientes para levantar-me, transparecendo que me enforquei em minha própria casa.

Glossário

Ádige: Rio da Itália. Nasce nos Alpes, tendo 410 km de extensão.

Alexandre (Magno): Rei da Macedônia.

Aquiles: Príncipe grego, filho do rei Peleu, dos mirmídonos.

Arno: Rio da Toscana, Itália.

Átila: Rei dos hunos.

Azzolino: Poeta e escritor romano.

Cecina: Poeta e escritor romano.

Centauro: Monstro fabuloso, meio homem meio cavalo.

Cornetto: Poeta e escritor romano.

Creta: Ilha grega do Mediterrâneo.

Dionísio (o antigo): Tirano de Siracusa, de 405 a 367 a.C.

Djanira: Mulher de Hércules, seqüestrada por Nesso.

Ética: Ciência que estuda o comportamento socialmente conveniente.

Etrúria: Antiga região da Itália.

Folo: Centauro da mitologia grega.

Fotino: Tribuno romano.

Frederico I: Rei do Ocidente.

Harpia: Monstro alado, de rapina, muito voraz, com cabeça de mulher.

Hércules: Semideus grego, filho de Júpiter e de Alcmena.

Hidra de Lerna: Serpente monstruosa (fábula) com sete cabeças.

Lano: Protetor dos sofreadores.

Mediterrâneo: Mar localizado entre a Europa (ao norte), a Ásia (a este) e a África (ao sul).

Minos: Juiz dos infernos.

Minotauro: Monstro da mitologia grega, metade homem metade cavalo.

Nesso: Centauro morto por Hércules, com uma flecha impregnada com o sangue da hidra de Lerna.

Obízio d'Este: Poeta e escritor romano.

Papa Anastácio IV: De 1153 a 1154.

Pazzo: Da família Cibelina, de Florença.

Pirro II: Rei do Épiro, chefou uma guerra contra a Itália.

Renatos: Bandidos e salteadores, em Roma.

Sexto: Filósofo grego, representante do cepticismo.

Sicília: Grande ilha italiana do Mediterrâneo.

Siracusa: Cidade da Sicília.

Sodoma: Antiga cidade da Palestina, onde imperou a depravação.

Strofe: Ilha italiana do mar Tirreno.

Tirreno: Mar da Etrúria.

Toppo: Deus da guerra.

Trento: Cidade da Itália.

MILTON LUIZ ZILLER

A FEIJOADA

A praça da igreja estava toda embandeirada, e com tanta gente que parecia que todos os habitantes do município para ali tinham ocorrido. A banda (cada um faz o que pode) atacava furiosamente os dobrados e marchinhas conhecidos, e os foguetes ribombavam no céu. Era dia de Santos Reis, 6 de janeiro, data em que se desmontavam as árvores de Natal e em que, há algum tempo, se faziam festas alegres, com muita comida, em homenagem aos magos. Uma comissão de festejo coordenada pelo escolhido Festeiro incumbia-se de arrecadar prendas, como leitões, frangos, cabritos e guloseimas variadas para a culminância da festa, com alimentação farta e gratuita para os comensais participantes. Essa comissão, dias antes, empunhando uma bandeira vermelha, partia em busca das doações de prendas, das oferendas da zona urbana ou da rural, e o arrecadado seria ali consumido.

Fatos curiosos aconteciam nessas andanças. O líder, Festeiro, comandava as ações, e o grupo formado saía pelos caminhos bruxuleando a bandeira e entoando hinos e canções, parando aqui e ali a fim de cumprir seu mister. De quando em vez, ao parar em algum rancho, sítio ou fazenda, havendo oportunidade, conversa-vai-conversa-vem, para virar uma festinha era um tiro.

Aí, a alegria tomava conta dos participantes, e quitutes de milho e farinha, frangos assados misturados às boas goladas de cachaça rolavam numa animação que, não raro, alcançava a madrugada.

Nessa ocasião, aconteceu que, após um porre, o grupo arrecadador, à frente o Festeiro, que era um belo "bebum", partira para outra etapa, errara pelos atalhos e terminara por adormecer num pasto cheio de gado bovino. Era madrugada, e o ronco "comia" solto. Ao amanhecer, com os músculos doloridos, foram os membros do grupo acordando. Do pau da bandeira vermelha só restava o pau. O pano, algum bicho comera. Tontos, de ressaca, aurora raiando, aqueceram-se ao redor de uma pequena fogueira, de cócoras, massageando os olhos remelentos e rubros. O Festeiro foi avisar do que acontecera ao estandarte da ação coletora. A bandeira era o símbolo da Festa de Reis... E agora?

Saíram todos, e trataram de imaginar algo que substituísse a bandeira. Alcançada a primeira vivenda, entoaram, unissonamente, uma saudação suplicante:

"Senhora dona de casa,
venha ver o que aconteceu!
Dê uma prenda pra este pau,
que a bandeira o boi comeu!"

Enfim, 6 de janeiro, a paróquia fervilhava. As oferendas haviam sido quase suficientes, mas havia dúvida se daria para alimentar tanta gente. Por esse motivo, D. Joana, uma paroquiana antiga, tipo de beata puramente dedicada, propôs-se a fazer uma feijoada, com os miúdos, pés e orelhas dos leitões e leitões, misturados a outros ingredientes próprios. Não era tradição, mas... "comida — dizia ela — não há de faltar".

Perambulavam por ali dois jovens pregadores, cuja tarefa era arrebanhar o maior número possível de

ovelhas (fiéis) para a doutrinação cristã. Naquela manhã do dia de Santos Reis, acordaram cedo e, após a feitura da higiene pessoal, foram assistir à missa das dez, após o que passaram a conversar com o pessoal que já circunvizinhava o local, no aguardo da comilança do almoço, que se prenunciava de alto gabarito. A feijoada de D. Joana era famosa na região. Além dos assados, ela era espreitada e aguardada com ansiedade.

Meio-dia, e nada! Uma hora, e nada! De repente um fuzuê, com saudações e vivas aos santos mais conhecidos:

- Viva São João!
- Vivaaa!...
- Viva São Pedro!
- Vivaaa!...
- Viva Santo Antônio!
- Vivaaa!...
- Viva o dia dos Santos Reis!
- Vivaaa!...

E, ante às ordens de uns e os "tá-bem" de outros, foram-se acomodando os comensais ao redor das mesas de madeira, feitas de tábuas sobre cavaletes. Frangos, cabritos, leitões e cordeiros assados, saladas e caldeirões e mais caldeirões de feijoada de D. Joana. Alvorço inicial, porque alguns ali já portavam fome de "roer-pé-de-mesa". Aos noviços empurrados pela maioria, numa quase algazarra, coube um canto de mesa fartamente abastecido.

Eles não eram padres ainda, mas chamavam-se um ao outro como tal, e assim eram chamados na congregação e nas moradas em que paravam, em suas peregrinações pelo sertão adentro.

— Pe. José — disse um —, que regalo, hein!?

— Pois é, Pe. Tobias! Vamos aproveitar. Vamos comer bem porquanto nos espera longa caminhada.

Ao que Tobias replicou:

— Sim, caro companheiro, o trabalho de catequese não pode parar, mas também é verdade que saco vazio não pára em pé. Comamos bem, com efeito. — E, literalmente, enfiaram a cara naquela abundância toda, não menos na saborosa feijoada que, dada a fome dos convivas, nem estava com os feijões bem cozidos. Aos poucos, a fuzarca amainou, e os pretendentes ao sacerdócio, com as respectivas barrigas incrivelmente cheias, despediram-se do pároco e rumaram pelos caminhos tortuosos e poeirentos do interior. Paravam aqui e acolá para, em casebres toscos, de barro chapado (pau-a-pique), encontrando mulheres descalças e garotinhos vestidos com roupas remendadas, às vezes limpas, outras não, cujos maridos e pais, à essa hora, estavam nos roçados trabalhando, pregar a fé, a religiosidade.

Ao passarem por uma humilde tapera, onde praticaram seu ofício, foram aquinhoados pela cabocla com um copázio de garapa, que veio juntar-se, no estômago de ambos, à feijoada e aos outros alimentos ingeridos. Seguiram em frente e, após longo caminhar, o sol a descambar no horizonte ocidental, matizando o céu com cores vermelho-amareladas e com nuvens escuras prenunciando mudança de tempo, chuva, Pe. Tobias, o mais novo anunciou:

— Estou ficando com dor de barriga. Não sei se agüentarei continuar.

— Agüenta mais um pouco, Tobias — respondeu José —, estou sentindo cheiro de fumaça. Deve haver algum rancho logo adiante. Lá chegando, pararemos e você fará suas necessidades.

Passavam, nesse instante, por um grupo de matações de granito, rochas magmáticas intrusivas, que a erosão fizera aflorar. Pe. Tobias, rilhando já os dentes, segurando com ambas as mãos o abdome, sussurrou, num tom de sofrimento:

— Não dá mais para segurar — e, imediatamente subindo a uma daquelas pedras, ergueu sua batina (nessa época ainda se usava), derreou as calças...

Limpou-se, sabe Deus como, e foi juntar-se a José, que o aguardava perto dali.

— Aquela feijoada estava me matando — disse Tobias, já mais tranqüilo.

— Tudo bem — disse José —, mas veja, não lhe falei? — Estavam contornando uma curva do caminho e, não longe, avistava-se um ranchinho, num sítio todo cercado de arame farpado. — Eu não disse que sentira cheiro de fumaça?

De fato, da morada fumegava uma chaminé, e o odor de milho cozendo impregnava a atmosfera.

Lá chegando, fizeram-se anunciar com exclamações:

— Ó de casa! Há gente aí?

À porta do casebre surgiu um caboclo mirrado, bem passado nos anos, de tez quase negra, encardido pelo sol, roupas surradas, cigarrilha de palha na orelha, pés calçados com botinas amareladas pelo uso e pelo barro, que foi dizendo:

— Tem, sim, sinhô! — E aparentando surpresa: — Oh! Padres de Deus. Sejam bem-vindos! O que é que este pobre pecador pode fazer por vosmecês?

— Água — disse Pe. José —, pode nos ajeitar uma caneca de água e nos dar pouso por esta noite.

— Mas, uai — respondeu o da casa —, como é que eu poderia negar hospitalidade aos homens de

Deus? Entrem e fiquem à vontade na minha humilde morada.

Encaminhou-se, em seguida, para a cozinha, onde, de um pote de barro, ao qual pendurava-se uma concha, usando-a, encheu duas canecas de água fresca e cristalina, após o que bebeu também na mesma concha, depositando-a em seu lugar.

— Eis aqui, santos homens, água para mitigar suas sedes.

— Obrigado — unissonamente responderam os pregadores que, recostados em velhas cadeiras, permaneceram descansando.

Fazia-se escuro, e os raios e trovões ao longe anunciavam breve precipitação atmosférica.

— Vosmecês devem estar com fome — disse o caboclo —, por isso Zequinha, meu filho, foi providenciar um pouco de leite de cabra. Só temos uma, mas é possível que se consiga um ou dois copos. É o que posso oferecer, além de umas broas de milho, as derradeiras desta última colheita. Não temos, além disso, mais nada, e se Deus não nos ajudar a coisa vai ficar muito ruim. Não sei como vai ser.

— Está ótimo — respondeu Tobias —, nossa fome pode suportar.

“Até quando, não sei”, pensou José.

O aguaceiro, lá fora, despencou em turbilhão, lavando o terreiro e provocando inúmeras goteiras no teto de sapé da velha casinha. Esta, além da restrita sala retangular ornada por pequena mesa ao centro, três cadeiras já avançadas no uso e um ensebado quadro, cópia barata da Ceia, de artista renascentista, conjugava-se à cozinha por passagem sem porta e a dois quartos, aposentos de dormir. Estes, isolados da sala por cortinas coloridas, que faziam as vezes de

portas maciças. Num desses quartos dormia o casal, o caboclo e sua mulher, naquele dia ausente, pois fora visitar uma comadre em distante fazenda, e na casa dela pernoitaria. Os filhos, três, dois deles que acompanharam a mãe, ficando apenas o já conhecido Zequinha, que, segundo explicara o velho, dormiria no seu quarto, enquanto os visitantes dormiriam no outro.

Com os lampiões de querosene acesos, anfitrião e convidados despediram-se com as bênçãos de costume e trataram de refugiar-se em seus cômodos. Os religiosos quase nem pestanejaram, tal era o cansaço que os dominava. Em poucos minutos, enquanto o temporal bramia, “entregaram-se aos braços de Morfeu”.

À penumbra do amanhecer, o dono da casa, primeiro a pôr-se de pé, tratou logo de acender o fogão à lenha, a fim de preparar o ralo café da manhã. Logo o acompanhou seu filho. Este não demorou muito a sair a vaguear pelas imediações, estilingue pendurado no pescoço, à procura de lenha ou mesmo de alguma caça. Algum tempo depois, retornou muito alegre e sorridente.

Lá pelas tantas, não muito tempo passado, os iniciantes eclesiásticos apareceram na saleta, plenamente restabelecidos, após uma bela noite de sono, sendo saudados pelo caboclo:

— Olá, bom dia!... Dormiram bem?

— Maravilha! — respondeu um. — Foi uma noite de sono reparador, ainda mais contando com uma cama de palha tão macia.

Tomaram uma caneca de café bem quente — nada para comer — e saíram para o quintal, onde, após apreciar a paisagem, puseram-se a orar e meditar, distanciando-se um tanto da casa a ponto de não terem visto o Zequinha voltar saltitante das suas andanças.

O sol alcançava o zênite quando o velho fez-lhes sinais para que regressassem. Ante a aproximação dos jovens, foi dizendo:

— É, padres, uma boa refeição é do que vosmêces estão precisando. Vamos, entrem, sentem, que já os servirei. Estão com fome?

— Famintos — respondeu José.

— Deus é grande! — falou o mameluco. — Atendeu ao pedido que lhe fiz.

— Como assim? — perguntou Tobias.

— Vosmêces vejam que, quando aqui chegaram, ontem ao anoitecer, eu pensei: "Virgem Santa, e agora? Como com essas poucas broas de milho darei, hoje, de comer aos padres? Amanhã só Deus poderá me ajudar! E, rezei, rezei fervorosamente para que me auxiliasse neste momento de aflição e, Ele, veio em meu socorro".

Foi falando assim que serviu aos dois pregadores um lauto prato de sopa de feijão, enriquecida com couve do terreiro (caboclo não costuma ter horta, mas este a tinha, com couve e quiabo nativo).

Os dois noviços se regalaram ao ponto de o caldo escorrer pelos lábios de tanto ser chupado, sugado de volta à boca. Acompanhava a iguaria um restolho de broa de milho, do dia anterior.

Ao final, Pe. José, fome saciada, intrigado, perguntou:

— Mas o que aconteceu? Como foi mesmo que Deus acorreu em seu auxílio?

— Foi milagre! Foi um verdadeiro milagre, que nem sei. Vejamos senhores, que nada mais restava para comer, e eu não sabia o que oferecer a vosmêces. E aí, aconteceu...

— Aconteceu o quê? — inquiriu Tobias.

— Meu filho Zequinha — disse o velhote, apontando o garoto, ressabiado, a um canto — saiu por aí para catar lenha e procurar alguma caça fácil, a fim de que eu pudesse preparar algo para oferecer a vosmêces e... não é que deu certo? Ao passar pela curva do caminho, em cima de uma daquelas rochas, o menino achou... caídos do céu... um monte de feijões limpinhos... um milagre!...

O mestiço nunca soube, até hoje, se foi pelo milagre, ou por que outro motivo, os dois visitantes ficaram, de repente, lívidos, e desmaiaram ao mesmo tempo.

O PIQUENIQUE

— Que é isso, amigo? Já tão cedo, você aí tomando seus tragos? — inquiriu Feitosa ao seu companheiro de trabalho Zezão, pela simples razão de o relógio marcar apenas dez horas.

Zezão, cujo apelido refletia a sua alta estatura, e exercia suas atividades de contador na mesma indústria em que trabalhava o amigo, respondeu:

— Pois é, Fei, nem tive coragem de aparecer no serviço, tal o tamanho da encrenca em que me meti. A coisa está feia para o meu lado. Imagine você que, sendo eu um homem quarentão, casado, e bem casado, pai de três filhos, sossegado e tranqüilo, pudesse enfiar-me em semelhante esparrela. É o fim da picada.

Um tanto tenso, Feitosa ajustou-se na cadeira do bar, como que preparando-se para ouvir, uma vez que estava em "hora do café".

Zezão, molhando os beiços num copinho de conhaque, continuou:

— No convescote de primeiro de maio, "Dia do Trabalho", eu, que fui apenas para participar, lambiscar umas carnes, beber umas latinhas, não estando nem aí para o mundo, conheci a Neusinha. Estava numa barraca aguardando uma birita quando achegou-se o Felício e me apresentou a garota: metade da minha idade, corpinho bem feito, cintura fina, pernas bem torneadas, lindinha, um pitéu... E que boca! Que boquinha fatal, companheiro! Foi um "toing". Senti um arrepio na espinha e gamei no ato. Você sabe, Fei, foi paixão à primeira vista. Sabe, também, que eu amo minha mulher e a minha família.

— Sim — respondeu Feitosa —, e depois, o que aconteceu?

Antes de emendar sua narrativa, perguntou:

— O que você vai tomar?

— Oh! Nada, não. Vou deixar para a hora do almoço, o aperitivo de costume. Mas, diga-me cá, o que ocorreu depois, a ponto de deixá-lo nessa fossa?

— Ih, compadre, mal posso lembrar. Perduam-me, ainda na cabeça, os vapores etílicos daquela farra. — Parou, entornou uma golada de conhaque, para, em seguida, deglutir a cerveja ao lado. — Foi a pior viagem — disse, à moda do sertão.

— Mas — redargüiu Feitosa —, afinal, o que aconteceu? Por que essa perturbação toda a assolar o seu comportamento, a ponto de culminar com a sua ausência no trabalho? Que o sei, não é do seu feito.

— Ó moço — Zezão chamou a atenção do rapaz do bar —, renove o combustível.

— O quê? — perguntou o balconista.

— Venha de lá outra rodada; um conhaque e uma cerveja.

— Está legal — respondeu o jovem, imediatamente abrindo uma garrafa e despejando o líquido âmbar no copinho de dose. — E a cerveja? De que marca quer?

— Qualquer uma, rapaz, estou me lixando; mas que venha logo.

Feitosa, já impaciente ante a involução da história, voltou à carga:

— Diga-me logo, Zezão, como termina esse negócio, pois já está chegando a hora de voltar para o basquete. Depois de se pegarem nas mãos para o aperto natural, o que houve?

— Aí é que a coisa pegou. A recíproca foi verdadeira. A garota esquiou para o meu lado e enrabichou. Passou para a minha companhia e... meu velho, tomava todas; uma enxugadora de copos de primeira. O Felício sumiu naquela zorra toda e eu não mais o vi. Deixou-me aquele docinho, aquele bombocado apetitoso e fresquinho. O mel rolou a tarde inteira. Ao escurecer, e eu nem sei que horas eram, todos começaram a ir embora, e nós, a Neusinha e eu, "caçando frango", fomos para o meu carro. "Para onde vamos, benzinho?", perguntou ela, prosseguindo: "Se você não tiver nada que fazer, que tal irmos para o meu apartamento? Tá legal? Não fica longe daqui." "Tudo bem, minha flor", respondi, atropelando as palavras e quase babando. "Vamos lá, coisinha fofa."

— Já no apartamento — Zezão continuou —, novos drinques rolaram, até que, acometidos por um acesso de luxúria, nos abraçamos e fomos arrancando a roupa um do outro e, sem fingimentos e delongas, entregamo-nos ao amor numa fúria e libertinagem inauditas. A "moça", amante de primeira, esbanjava sabedoria na cama, tudo fazendo e sabendo fazer para levar um homem à loucura.

Feitosa, que, àquela altura, sentia certa perturbação, animou o amigo a prosseguir o relato. Zezão, por sua vez, aparentemente abatido, continuou:

— Pois é, lá pelas tantas, já despossuído por aquele afã inicial, acometeu-me uma letargia que me deixou meio banzo. E, nesse estado, despedi-me, friamente, da Neusinha, e fui para casa.

— Aí — disse Feitosa — é que entornou o caldo, pois não?

— Nem lhe conto.

— Conta, sim, cara! Chegou até aqui, desvenda para mim esse miserê todo de uma vez. O que ocorreu? Você chegou em casa com a camisa suja de batom e a sua mulher pegou?

— Que nada! Pior, muito pior do que isso.

— Um chupão no pescoço? Foi isso?! Aquela mancha roxa no pescoço! Mas isso, como aquilo, têm sempre uma desculpa. Alguma senhora, na festa, ao abraçá-lo, estando muito pintada, sujou-lhe a camisa, e a mancha na garganta fora causada pelo esbarrão numa viga de concreto. Táí, tudo fácil de explicar. Pior seria se fosse batom na cueca. Aí, sim, seria problemático explicar. Ou será que foi isso?

Zezão, cabisbaixo, ouvia a tagarelice do companheiro, meneando a cabeça de lado para outro. Levantou-a e entornou mais um gole da bebida que, à essa altura, lhe sabia amarga como absinto, sentindo já esgazeir-lhe a visão. Estava doido da vida por ter se metido com a Neusinha, que, agora, nada mais significava para si.

— Não foi bem assim, Fei — respondeu ao colega. — Cheguei em casa, todos dormindo, exceto minha mulher. Pouco mais ou menos que três horas da manhã, e lá estava ela à espera, não com o pau-de-macarrão, mas com a cólera no olhar.

— Sim, mas e daí, qual é o problema? Não pode um homem trabalhador e honesto dar uma mancadinha de vez em quando? E como não trazia batom na camisa ou na cueca nem mancha no pescoço... Como é que ela iria saber que você jogou água fora da bacia?

— Foi pior, como já disse. Cheguei cambaleante, aproximei-me dela e beijei-lhe suavemente o rosto... "Que bafo-de-onça!", replicou. "Que se há de fazer, meu bem! Acontece!", respondi. Encaminhei-me para

o banheiro, despi-me, deixando a roupa junto à porta do boxe. Tomei uma ducha bem quente, cujo efeito foi desanuviar-me um pouco a cabeça e saí, enxugando ainda as partes íntimas. É, companheiro, aí é que a porca torceu o rabo.

— O que foi? Estava com o pênis vermelho?

— Não! De frente para mim, minha esposa segurava minhas calças e camisa, com as mãos levantadas, com ira no olhar e uma fúria que dardejou-me implacavelmente.

“Desgraçado!”, vociferou ela. “Onde está?” “Onde está o quê, benzinho?” “Benzinho uma ova! Cadê? Onde você a deixou?” “Não sei do que você está falando. Cadê o quê? Deixou o quê?” “Sua cueca, seu filho de uma égua! Canalha!”

— Está sentindo o drama, companheiro? Eu perdi a minha cueca, e no sítio onde realizou-se o piquenique não havia piscina, nem rio, nem riacho. Minha esposa disse-me que vai pedir o divórcio.

Impressão e Acabamento:



Caixa Postal 11481
São Paulo - SP - CEP 05422-970
Telefax: (11) 210 1179/210 6501
[Http://www.scortecci.com.br](http://www.scortecci.com.br)
E-mail: scort@scortecci.com.br